HOMEM INUNDADO

Maurício Pinto Adinolfi

Estruturas - Entre Madeira e Mar

HOMEM INUNDADO

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Unesp, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. José Spaniol

São Paulo

2020

Ficha catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp

A235e Adinolfi, Maurício Pinto, 1978-
Estruturas : entre madeira e mar : homem inundado / Maurício Pinto Adinolfi. - São Paulo, 2020.
248 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. José Paiani Spaniol
Coorientadora: Prof.ª Dr.ª Maria de Fátima Lambert
Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Artes

1. Poesia visual. 2. Instalações (Arte). 3. Projeto gráfico (Tipografia). 4. Pintura. I. Spaniol, José Paiani. II. Lambert, Maria de Fátima. III. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. IV. Título.

CDD 702.8

(Laura Mariane de Andrade - CRB 8/8666)

Maurício Pinto Adinolfi

Estruturas - Entre Madeira e Mar

HOMEM INUNDADO

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Unesp, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Artes Visuais.

São Paulo, 13 de março de 2020.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dra. Oriana Duarte

Universidade Federal de Pernambuco

_____

Prof. Dra. Lúcia Koch

Universidade de São Paulo

_____

Prof. Dra. Luiza Christov

Universidade Estadula Paulista

_____

Prof. Dr. Omar Khouri

Universidade Estadual Paulista

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Agradecimentos:

Especialmente a Capes, que financiou esse trabalho de doutorado. A José Spaniol e Maria de Fátima Lambert pelo apoio em todo o processo, Marco Buti e Nelson Brissac pelos conselhos, Agnus Valente, Luiza Christov, Agnaldo Farias, Omar Khouri e Oriana Duarte pelo aprendizado, aos funcionários do Instituto de Artes da Unesp, em especial a equipe de pós graduação, Aidê Resende pelo companheirismo, António Xai pelas experiências portuenses, Prudência Coimbra - presidenta da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto pelo suporte e atenção, Pedro Sousa, Pedro Pepi, André Rigatti e Lucas Costa pelas conversas, Lúcia Quintiliano pela parceria, Cátia Assunção pela cooperação, Mestre Felisberto pelo aprendizado e disponibilidade, aos pescadores Célia e Davinil e ao barqueiro Tibiri da praia do Perequê, ao construtor naval António Dixo, a Silva Ferreira do Porto de Pesca de Matosinhos, Taylor Van Home e Instituto Sacatar por possibilitar um aprofundamento artístico através de seu programa de residências, Lucila Mantovani e Lourdina Rabieh do Kaaysá art residency pelo convite em embrenhar novamente minha área de pesquisa, a Maria João Vasconcelos e Ana Paula Machado do Museu Nacional Soares dos Reis, Cauê Alves e ao MUBE, Paula Alzugaray e seu projeto A invenção da praia, Prof. Fabião e Secretaria da Cultura de Santos, Leonel Moraes Espaço T/Quase Galeria-Porto, Alexandre Teixeira e Filipa Fernandes da Galeria Ocupa, Centro Cultural São Paulo, Clube Naval Infante D. Henrique, Cooperativa Árvore, à minha família.

Resumo

Homem Inundado apresenta-se como objeto artístico, um livro em fluxo narrativo contínuo relacionado aos processos e procedimentos que abarcam os últimos cinco anos dedicados à pesquisa e produção de instalações, site specifics e pinturas. Tais práticas estão voltadas à investigação de questões estruturais e matéricas associadas à experiência com a construção naval e com comunidades litorâneas em diversas partes do Brasil, Portugal e França e abordam situações críticas decorrente das transformações sociais e exploração regional.

Sua estrutura está baseada na diagramação e espaçamento entre texto, caracteres e imagens, interferindo no movimento de leitura e afirmando a linguagem como construtora de sentido - enquanto signo, letra e palavra - buscando na experiência estética um questionamento existencial.

O texto se caracteriza como uma prática de fragmentação, de uma multiplicidade dos grupos composicionais, junto a certa assimetria de ritmo, tendo por fio condutor um corpo que se inunda. Esses grupos se desenvolvem de forma ensaística, concomitante à influência da montagem dramatúrgica, com prólogo, atos e epílogo. As imagens variam de tamanho e espacialização, e os blocos de texto afirmam uma fisicalidade do verbo outorgando ao livro uma corporeidade objetual.

1. Poesia visual. 2. Instalações (Arte). 3. Projeto gráfico (Tipografia). 4. Pintura.

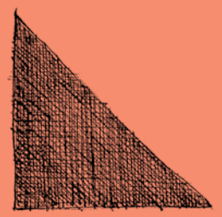
Abstract

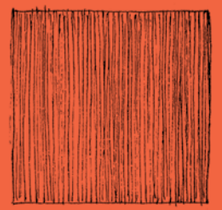
Flooded Man presents itself as an artistic object, a book in continuous narrative flow related to the processes and procedures that cover the last five years dedicated to the research and production of installations, site specifics and paintings. Such practices are focused on investigating structural and material issues associated with the experience with shipbuilding and with coastal communities in different parts of Brazil, Portugal and France and address critical situations resulting from social changes and regional exploration.

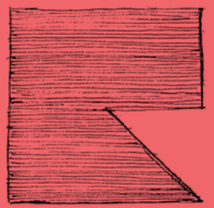
Its structure is based on the layout and spacing between text, characters and images, interfering in the reading movement and affirming language as a constructor of meaning - as a sign, letter and word - seeking in the aesthetic experience an existential questioning.

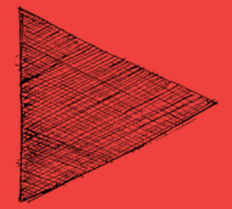
The text is characterized as a practice of fragmentation, of a multiplicity of compositional groups, along with a certain asymmetry of rhythm, having as an overarching theme a flooding body. These groups are developed in an essayistic manner, concomitant with the influence of the dramaturgical montage, with prologue, acts and epilogue. The images vary in size and spatialization, and the text blocks affirm a physicality of the verb giving the book an objectual corporeality.

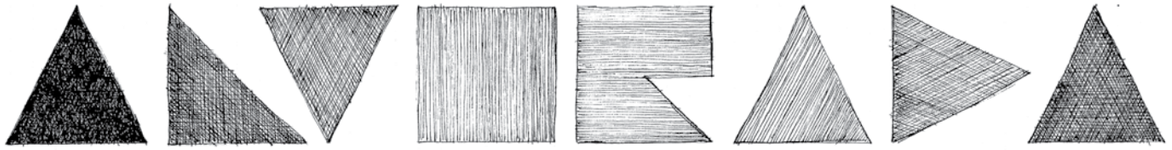
Visual poetry. 2. Installations (Art). 3. Graphic project (typography). 4 Painting.





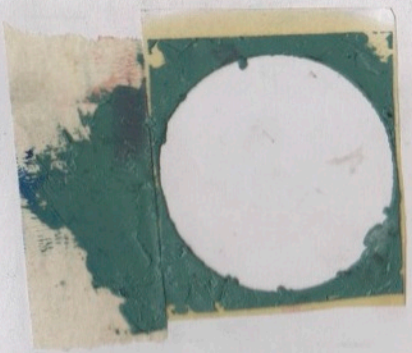






Salve Marício aqui é o Felisberto amigo
do Tibiri me diga meu filho como estão os barcos
mínimo qual o pé dos lenhos e as madeiras das cavern-
as ainda aneristi bem? e a calafetagem minão
já foi refeita e a polpa sobreviveu nos pancados
mínimo e ao enterro todo?
nos 76 anos minão que eu aprendi na beira da
praia de cabeça nas todas três caiçaras arm-
adas no sopé da Serra do Mar desdos tempo
co meu vô despoi co meu pai meus filhos
não me seguem + nem eu quero enfim.
Digo que pra você + encontramos tanto de
fuligem quanto de ossos na areia da praia
todos os pescadores reunindo os desterros
na ~~[illegible]~~ porta de suas casas Ordenamos
os restolhos no púr num canto + os peixes
di se juntam.
Olha minão não sei das águas + mas sei
muito da madeira na terra e de como
corto seu desenho dentro. Você ao ar de
tirar os barcos aqui do Pereque Marício
se comprometeu co seu destino meia dozen
de peixes voadores seguiram seu passos
tocando a planta da terra cos pés
descalços + a matinada deu de nascer
no silêncio bom algúrio malíssimo mar.

Pereque
Felisberto



prólogo

acordo atrasado em meio a livros e dentes perdidos

esculpia durante a madrugada meus caninos e molares

uma nova forma de poesia

me preocupava apenas em quais processos poderia ser preciso

cinco paredes concretas

tijolos erguidos num hiato

era tudo que me cercava

nos bolsos apenas dois dados e o resto do mundo entre os planetas

outro pivô deslocado eixo dos poetas de jardins

empilho todas as brochuras em branco

cabedal de minhas tolices

que essa cabeça entorne

tijolo sobre pedra

pedra e adubo

adobe

quero a carne da pedra

ATO

I

pedaços de um barco aferram lentamente a memória

toda vida se aglomera num punhado largo de sal

cabos de aço retesam afetos que já existiram

qualquer pequeno som ■■■■■■■■■■■ água

qualquer destino me deseja nas sementes que ainda enterro

qualquer fala pausada sobre a infância me comove

toda seiva que envolve o adolescente toda angústia descabida que perpassa

toda luz leitosa me encaminha para os cantos da cidade

a água resfria o sal da planta do pé

enfim temos um barco estirado na instituição é feito torso e divagações

torto descamado destruído grave

espinhas de peixes ■■■■■ espesso quanto reminiscências do osso de uma baleia

navegação de cabotagem

entorno dos pedregulhos na enseada

e assim espero lentamente a noite chegar não me mexo que é para ver se dessa

forma meu corpo anoitece também pouco a pouco a passagem das cores se realiza

- de uma pele marrom clara crestada de sol meio ocre vermelho amarelo para um

azul profundo escuro ultramar quase o preto da pupila essa passagem não é

de todo pacífica é uma maré lenta e úmida que gela o esqueleto grãos de areia

pousam no peito do pé escrever é um presente e todo presente é um sacrifício

neste exato momento a noite se completa de um vazio total de um buraco sem fim

resolvo tomar um banho para limpar essa escuridão escrever virgem qual amor de Novalis

escrever imaculado - nem que seja por minutos - já que minha existência é suja lodo mangue

areão escrevo aninhado aos destroços do mar no escolho que sobrevive nos restos do farol

U S U C A P I Ã O

tento tento tento quase num desespero a folha caduca da escrita acadêmica meus dedos tornam-se carcomidos as unhas sem saúde a mão deixa um rastro podre no papel quase cicatriz de uma queimadura Tento correr e a mão grudada ao caderno de pautas me segura tento então pensar o espaço começo a desenhar e escrever música na faina de enganar o demônio um riso longe zombeteia do meu propósito sou tratado como palhaço um bobo da corte me apequenam as injúrias vindas da boca sangrenta do tinhoso remanso só a concentração responde uma quase meditação sidarta no meio do canteiro de obras do purgatório não se entregar à farsa o hálito da mulher me recobra os sentidos não me aparto da embarcação hasteio as velas largas verifico as defensas umedeço o tecido e o sentido da vida 12h35 Corte com a serra elétrica das cavernas do barco 25,3 x 29,5cm n'altura do peito outono garoa e dor no joelho direito proliferacão de formigas abaixo do leme cimento e o soco o som oco da garra em desvio do caranguejo no mangue o roxo da cara minha mão estendida para a praia ou o destino um cérebro concreto a cidade dois sins desenho e encontro de paisagens uma paisagem de gritos uma voz desatada o artista não vem depois tem de vir junto quiçá antes perfil de aço periférico metálico na margem que encostamos caminho do Peabiru trilha Tupiniquim caminho do padre morte anchieta caminho do mar puxamos o cavalo enquanto o rio tamanduateí deságua no ponto central da cabeça o que vem do entorno encosta no ombro daquilo que parecia forte daquilo que encarava a história enfrentava as ruínas do outro a distância do farol a cortina que permanece da outra cidade qual o valor do tombo quanto da tragédia ou escape quanto da dor no caminho desenhar a partir da articulação do joelho e do pescoço o momento preciso do corte tudo pesa na parte baixa do corpo uma gravidade do centro abdômen a compressão dos dentes respirar como um pássaro e soltar finalmente a mandíbula acariciar com a língua nos dentes afrouxar

enquanto levantava o barco tentando assim me enxergar por dentro não sabia do gosto da morte no estômago ou da sua acidez me parecia tanto certo quanto sem sentido afinal o início nunca havia se declarado Não fazia ideia da existência da nostalgia e logo quando a percebi e declamei fui rechaçado questionado cerceado por algo que não poderia ser meu algo do outro do outro que sou eu a maré acanha o calcanhar Pensei novamente em esticar tensionar as amarras mas a presença da vida é o seu afrouxamento as lágrimas do sal o volume do seu peso a distância do tempo ruído

- como determinar o espaço da existência?

o valor da voz dos pássaros e dos tiros na mata o grito do índio a letra incompreendida do ancestral a guerra a morte o sangue doado puxo mais uma lufada de ar pois o suor já me empoça medo o barco está por um fio [ninguém viu] é só comigo a preocupação vou de um lado ao outro do oceano a distância torcida a cabeça pesada tudo pronto nada feito - mais um dia de espera para o sim

vou buscar madeira em sarrafo grosso e meio tronco para levantar fazer alavanca sustentar empurro pra dentro o osso do crânio prevendo a aceleração do tempo não há espaço na dúvida o hinário começou equilíbrio não há possibilidade

no que já foi pense nos passos seguintes tamanduá-bandeira urubu-rei filho nas costas fruto a comer todos os bares pela frente e parafusos a apertar troncos a empilhar não se engane os dias passam mais depressa que o desejo as mulheres os homens os animais suicídas choram quase sem saber o destino das árvores o que sai o que toca o que vela que câncer que cisto que disco que trauma? precisa de estar a boca cheia do início verdadeiro das palavras fazer planos para desencalhar grandes navios preparar a viagem dos filhos estar longe do próprio corpo entornar o corpo sem pensar apenas entornar ressoar a primeira música virar conhecer as rochas longínquas escolhos que se escondem

o peixe traz a água dentro de si

enquanto os pássaros volteiam a carcaça moliço enroscado nos tornozelos levito ao alçapão sobre o poço posso bocejar sincero entrego o salto desnudo desvolto desmato descrevo desescrevo entorto caio calo mato desisto desvaio o cão do não e o peso da criação a pedra guardada o feitio do coração com duas cavidades em quais casas me alimento e torneio a definição da vontade - quais fórmulas matemáticas realmente escrevi?

não acordo satisfeito com o corpo não levanto realizado com o descanso a respiração não se concretizou todos os argumentos são fracos manutenção da biodiversidade a criação de grandes indústrias de vaguear

SiderurgiA PetroquímicA FertilizanteS

C H U M B O N Í Q U E L M E R C Ú R I O

C Á D M I O F L U O R E T O R E S T I N G A

C O S T Õ E S R O C H O S O S M A N G U E Z A I S

P R A I A S A R E N O S A S M A T A A T L Â N T I C A

todo o cansaço da tensão fez sentir o que não via o repouso do infindável o descanso do fim o odor do que não existe mais intocado intocável maré Sentado num covil de lobos quase Jonas perdido passo o tempo organizando o esqueleto limpando tirando o que ainda resta de carne gordura e mal esse hiato grudado às narinas tornou-se hábito lavar minhas mãos com cal pela manhã um jato agudo de água e vinagre tenho o vulto nos vincos do meu receio limite da aridez dos dias e lembrança

Ocupo descalço desminto à boca larga nem tudo do que o coração está cheio vaza mais fácil encher de mariscos o estômago do que atravessar vão vermelho som vergada cruz espinha dorsal assim como todos os caminhos levam ao mar VÉRTEBRA sopro meu destino nas laterais da escolha o versado trajeto marítimo os pássaros que dão conta distância figurada anzóis pelicanos abstraído de outros ouro bronze escarlate sistemática virada de páginas estranheza distante capataz ruidoso carapuça de homem

só alguns animais conseguem a licença da existência perfeita

ela existe a tão buscada pureza

natureza diversa

limpeza de um desastre

CAPIM

mancho a rota desenhada o preto crestado barco revela seu dentro aprofunda a superfície da cor é como minha morada a baleia não mais epiderme o que temos aqui é o interno o que estrutura caverna ventre sentinela tudo escurece num descampado de pedras pequenas e mato a queima acontece como um lance de pintura GOLPE não quero sedução da cor quero o carbono a película da madeira madeira e crânio crânio e feição o que conforma o cetáceo conforma e flutua descarte do naufrágio resquício quase antropologia da forma peixe encontrado na pedra a morte distante do peixe seixo sambaqui fóssil desencontrado

intervalo: interstício para uma BALEIA

óleo de baleia ossos de baleia olhos de baleia ninho angu salada mista tudo
posso naquele ventre corpo da besta

invisível pai que não se manifesta

paragem

l e v i a t ã

ATO

IV

a cada dia eu sentava ao lado do barco tensionava um a um os cabos de aço só pra ouvir estalos bulício da madeira canto da jubarte murmúrio cinco metros de mandíbula três metros de costela cinquenta e nove vértebras Hades apavorado o encontro com as filhas no prostíbulo foi estranho mas mantivemos as aparências bebemos juntos falamos à boca miúda à meia luz os músicos que tocavam ao lado do bar choravam entornada paixão estátua de sal coração de areia pulmão asfaltado nem tudo o que reluz mercúrio percorro o caminho do barco sob o porto túnel caverna bacia do mercado desafio de não olhar para trás o corpo presente da fé discorda do pesssimismo - sem ira sem contenda sem MauHumoR - encontro a voz da velha que reafirma: toda discórdia vem da ilusão Isto dito disparo quisto tumor galinha e horizonte façanha que guia tua mão irremissível corpo solto na vazante planta destruida rio soterrado sol que se esconde caucasiano chinês turco retirante rato no sopé do navio contramestre no costado convés e falta proa derretida

sou do tempo dos nascimentos fui eu que dei o primeiro nome a uma figura da terra

e nomeei também os homens e também seus sobrenomes criei por valentia dor horror

covardia não me importa a preguiça fui um dos filhos aspérrimos do mar e quantas

mulheres tomei achava assim que abraçava o céu ou qual outra grande montanha o nível

de água nas canelas mudança da correnteza liso e estanque tento assim sobrepor o

peso na areia recuo respiro está tudo claro e encoberto pelo sal sob superfície vejo

a história vejo o lodo vejo a ossada do tempo perto do fundo sim pra levantar o sol

duas proas para fora o duplo no mangue verdade e ficção qual

fundeamento de Veneza armadilha de lagosta cauda de peixe

Cabo das Tormentas
34’20 S (34º 21’29”S)

Cabo da Boa Esperança
18’25 E (18º28’19”E)

ATO

V

demanda de orgulho para construção do dique proceder à vontade causa confronto do asfalto que absorve queimo um pouco os olhos a cada palavra que leio beijo o cão e sincero amor organizando a vida em torno da lua e da maré barco de pedra

canoa de pau

baiacu

vento noroeste

sambaquis

primeira intervenção do calafate os joelhos dobram na umidade que chega do oceano o ato de um buraco no rio a dor no peito o fundo vazio entre as costelas seu calção vermelho rasgado é necessário refazer os reparos massa formada engodo junção estado homogêneo estalos da madeira carbonizada mecanismos internos movimentos ventos alísios lodo que chora riscado até o infinito de ódio e predisposição para o mal engavetado acarretado de balbúrdia e impaciência velo o sono da criança construo seus brinquedos ajunto a roda que ciranda cato do chão decepções esquecidas silencio diante dos casais perda de tempo garganta do diabo a remar perto do redemunho as facas afiadas pedras na ponta do penhasco as lâminas só lâminas chamado pra briga na esquina o estudo da previsão abro a boca sugo o ar o cheiro da gasolina relembra o acidente nascer crescer morrer a gasolina queima as amídalas o cheiro trás cortina de traças o vômito a luz o suor estancado no muro cabeça entortada alma entortada carbonização tudo continua preenchido aqui como areia entre os ossos todo cheiro que não é meu a costela que tomou meu ombro as vértebras de baleia que nasceram em minhas costas pois então _ meu peso aumentou significativamente costa sudeste em desalinho salmora aos sóis dormente vida criada na praia nos cantos das encostas no prêmio recusado na dor esquecida no livro limiar do levante escracho entornado armação desmascarada no truísmo dos pescadores pés rapados no asfalto que beira o mar Enfileiramos quarenta pontaletes carcomidos os mariscos tiramos das próprias pernas durante nossa adolescência construímos a ponte que atravessa a entrada do porto dissipamos mãos desarmamos nãos mas o desterro continua apesar do aterro do mangue quilômetros aterradores de borracha sob o estuário levanto o estorvo em protesto é minha a testa que estapeiam como num teste de tolerância endireito o corpo novamente levanto o mal na bandeira eu não fui feito pro amor amasso pedaços do céu como papel enfileiro ais Ás de copas enquanto destoar espaços na barca se faz necessário juntamos nossos pares que o encontro precisa fazer sentido juntamos todos que nos conheceram no início _ ímpar no gesto do nascimento no lugar do verão

desvio

como não sabemos dos encaminhamentos das amizades continuamos a lutar empunhar salivas desenhar com remos aguar os delírios desejos encantos o fêmur urgente regela queria não desdizer a palavra esperança mas toda a experiência da infância retirou o significado das frases na cartilha o cheiro do alimento nas paredes do recreio carcaça dos trabalhos o vazio entre as palavras para preencher a angústia da lancheira vazia o embrulho de alumínio, ou seria estanho? chora pequena que os encontros no fundo da escola vão permanecer no mundo vão se alastrar nos impiedosos vão crescer qual seus ossos dentro da pele esticada sua cabeça já pesa mais o influxo mudou o conforto já nunca existiu nada não tem dor sustentação dos caibros o lençol esticado no chão a condição de toda instalação no mundo o beijo da mãe no escuro o silêncio do não o cigarro do pai no banheiro o rádio que anunciava o dia e a repetição do tédio do espelho do cabelo do nariz que crescia do suco que azedava do leite derramado da curva no céu da mesa torta arrastada sobre a memória do grito dilacerado do desmaio da irmã seu olho branco sobre a manhã ainda virgem ainda sonho ainda pura sem sentido vazia desnomeada o ruído vermelho dos uniformes a ignomínia dos olhos o desvão

a cabeça enorme gorila albino escroque fetal infantil carinho perdido o vento entre eco norte quente seco oeste revira o barco levanta areia a saia a nuvem o mar o cais então revirado revisto olhar do sal no olho

é tudo estorvo a rua avenida a árvore desfolhada o chão desalmado tomba o cão cego no cio e a velha desarvorada carrega o peixe na nuca quase dentro do peito seio murcho cheio de tudo que o vento apreendeu com ela pois é sempre a história de toda vida nos anos que estivemos na terra esteira do piso assoalho de madeira da canoa caá-içara da casa de areia e barro seco ossos e cascos de tartarugas flores de sal pétalas velhas folhas de caderno de receitas de frutos do mar navalheira sapateira caranguejo mariscada entoada com viola e círculo de peixeiras revestidas de refugos ostras e conchas molhadas onde montamos nossa estrada de cordas navais sujas azuis pegajosas estridentes oleosas resolutas moliscos entraves descartes pela balaustrada briga no convés morte no porão corpo atirado a estibordo

apressamos a remada minguamos a tripulação para atravessar as balizas arraias boias _ faróis verde à direita vermelho à esquerda escuro ao fundo juro profundo judiaria esconjuro desacretido a ondulação que aproxima comunidade reunida ao fogo na praia descascando mexilhão arcaboiço bambu estirado

bandeira

esqueleto de água empurrada piscina desenvolta a cobrir o corpo entorpe armação cardume afogado escama guelra quente couro

suporte

subir a encosta sem árvores condição da entrega feitio do sim

ATO

VI

caminho das catraias

o que se esvai no tempo é a sorte que não existe pequenos traços rastros de areia batida

que se deforma escultura de sal da água que apaga tudo dilui some consome dissolve

nada se apaga tudo se avoluma qual nuvem e despeja quando já não aguenta mais alicerce

castelo de cartas vinagre de maçã retirado riscado descalço dos pés espremido músculo

índole vulcão de terra batida vago e lamentável discurso na beira do mar ainda bem

que o marulho nos salvaguardava de tamanha afobação pretensiosa repetição de palavras

que tentava explicar o caminho do barco deslizava o capitão dessa argumentação vela

inchada de vento em popa sobre mar quedo a lua limava cabeças primata entorpecido

o que nos põe de pé

o que nos separa

urubu pairando a serra

acordamos nus sozinhos e cheios de pelo como parede erguida na mata respiramos

tontos o ar que nos resta o artífice da pedra procurando a última planta

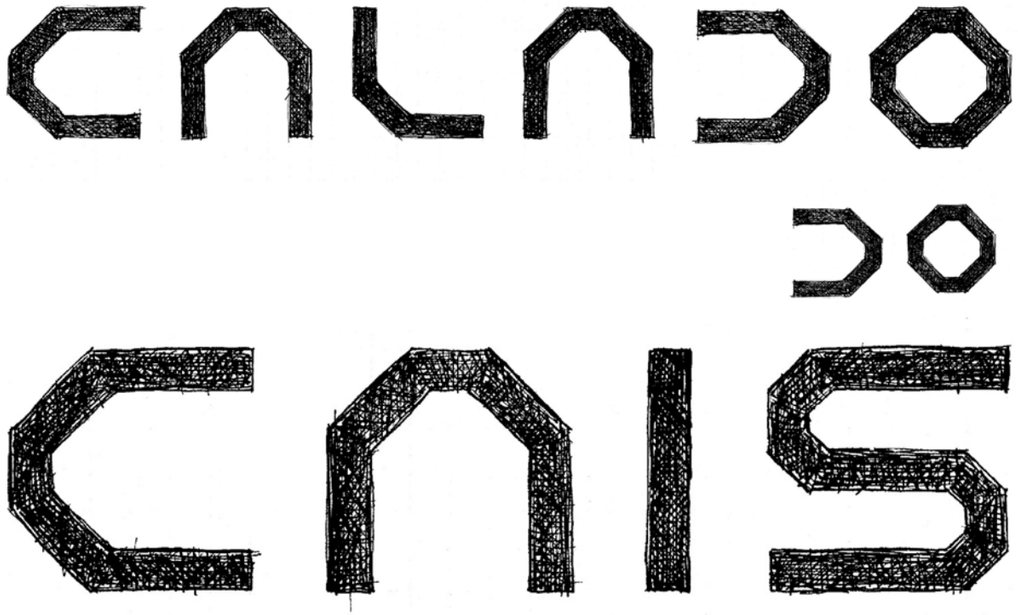
propósito do sol derretido

a madrugada é a margem das horas a palafita do tempo barco de espelhos

sobre o destino errado corpo talhado na madeira ferro do caminho que se

abre aço declive penhasco temperamento idiossincrasia transição _ conteiner

passagem travessa manto que se estende na floresta quadril e bacia


CALADO
DO
CAIS

existiu por conta do fundo de todo fundo do copo do corpo da briga da vida o chá

que cai a corda que arrebenta defensas e defeitos aparentes declarações no maior

porto da américa latina o aprofundamento do canal que escava a cidade escalda o

peregrino de sol ao fundo não se chega não se alcança o pai não se descobre as

predições da morte só o que se faz é acabar a esperança dos que acreditam a praia

foi destruída a areia se acabou ‘nada se acaba’ grita o conhecido bafo do tinhoso

nas nucas dos engenheiros da cidade é uma cidade de engenheiros piratas só enxergam 80

com um olho de catarata quanto mais se cava mais se afunda o ser água entra no

buraco os prédios caem junto seguindo a profecia do esconjurado a areia foi levada

para outro lugar é para onde se vão os barcos também seguem o mesmo movimento

da desgraça praia erodida erosão do esqueleto assoreamento dos canais de onde o

barco não cabe puro movimento estrutural para a oclusão dos canais matemática

de um movimento compondo além da nuvem campo de combate a água que toca o cóccix

seguimos a ventura do oceano sobre a terra e a maçada do humano sina fardo sorte quinhão de suas escolhas mapa da ilha gravado sobre a pele em ponta seca desenho dos faróis e pássaros que recebem a canoa o caminho dos navios está traçado nem sempre a entrada é pacífica estrangeiro paradeiro insurgente pardieiro clandestino salvador alvoraaada acorda com os bêbedos na praia girando vindos coqueiros vindos pesqueiros indo até o porto indo para o mangue vindo pelo trem solto pela mão mãe amamentando em alto-mar rios sem discurso educado pela pedra perda encontramos sempre uma alfândega pelo caminho o vaso que cai no colo rachadura e caco baleia cortada partilha da cor martírio quando tentamos atravessar o estuário e suas margens são tomadas de assalto por tonéis e o futuro não identificado já é passado como açúcar queimado explosões intermináveis nos terminais e seguimos a vida assim com os olhos cortados respirando nuvens tóxicas tino fácil para descobrir a alimentação certeira pratos de amônia e mercúrio organização dos ossos na calçada assim esquecemos a nossa importância esquecemos a resposta de que precisamos e recolocamos as mãos sobre a história organizamos o posicionamento dos barcos estrutura interna para a cidade calado para o canal do porto e o oceano

faço exercícios diários com a memória e o músculo dos olhos o objetivo é detectar antes os acontecimentos futuros feitos humanos previsões de catástrofes rebuliços da natureza escolher o lugar de acordo com o tempo o espaço da história revoltas motins insubordinações construir no seio da desordem de preferência verticais de madeira ou navios de ferro ao prumo de preferência mulheres que desfazem a ortogonalidade das verdades talvez assim consigamos abrir a sala dessa casa que se aproxima e apresentar os quilômetros de cordas marítimas

enroladas sobre nossos corpos escorando nas costas a longitude dos ventos sempre a morada a caverna arrebentação que nos contempla junto ao som do vento e do sono acordamos de sobresalto com a certeza da inexistência latejando o músculo sob o pelo pele do cavalo sempre a força o peso sempre arrastado sempre alguém flor falta ou asfalto mais forte ou mais fraco é alguém barcos erigidos um ao lado do outro aa aaalvorada a fala farpa nas mãos do índio em seus gestos o céu caindo sobre a manhã a fala do amanhã sem maresia galgando a falange os pulsos

d e s e j o s r e c o r r e n t e s d e e s t r u t u r a

precisão conceitual da estrutura pilhar o norte e o horizonte olhar o mar embandeirar criar coordenadas e ordenar balizas o quebra-mar o píer o dique a ponte o farol a baliza a estrutura do movimento do mar é a lua a estrutura das fossas é o tempo a estrutura do rio é sua correnteza a estrutura é a obra a estrutura é a dúvida a estrutura não existe não pode haver erro na estrutura qualquer cálculo incorreto na estrutura destruirá a obra não existe obra a estrutura é a infância se constrói com caibros verticais horizontais transversais fura e dói não há estrutura possível a estrutura nasce do mangue 1/3 do corpo da estrutura está enterrado a caverna do barco é o esqueleto da baleia adamastor projetou a estrutura é rochedo escolho coral Ismael reside na estrutura o encontro da temperatura o retorno o azul sensível solitude dos animais que descansam sobre sua história descarnada canibais

engenharia de falésias essa voz gelada esse tempo de secura uma hora tudo descamba um olhar bêbado um pregar da perna um deslize de assentamento da alma [na cadeira] entre se manter alerta e o antônimo da respiração algo da solidão toma algo da imensidão cobra algo da pequenez atravessa nossa bondade quando dois distantes se unem e te incomodam qual sujeira latente uma noite desnecessária uma vitória inglória um caminho percorrido sem destino sem demora sem motivo a demora da palavra o espaço do respiro o tormento da distância - o que virá do tempo que se mostra? como quantificar o que não se quer perder? como escolher o vazio? um pedaço de carne repousa e com ele todo o futuro do naufrágio o quanto de nós numa disputa o quanto de verdade numa escolha tombamento de carreta desfolhagem de floresta nuvem que se arromba

a estrutura do desenho definia-se pelo encontro de tons camadas de outros materiais foram acrescentadas com o tempo camadas e camadas de mangue camadas de fuligem camadas de carne resina e órgãos destrinchados o lodo prata do mangue de santos a cor da neblina o verniz da madrugada a serra do mar o canto o cais e as portas das carrocerias dos caminhões o baú a fumaça preta o colapso as plantas do mangue e da mata atlântica das ruas da baixada santista do norte do brasil [gravatás rizophoras antúrios cara de cavalo] o sentido da pintura é outro; atravessou a presença do mundo a cor me é outra existência o valor dela é a carroceria desse caminhão que trafega na minha frente é a parede do baheiro a porta do comércio a ilha que aparece atrás da fumaça o meio do mar e o centro da cidade a planta que me acolhe a planta do canal Não consigo mais andar sem sobressalto tudo o que se me apresenta tem a densidade da cor e mesmo assim tão sem propósito ou sentido quero dizer que pintar casa barco madeira caixote mar ficaram entre isso fizeram com que o caráter da pintura se alterasse entre natureza e conteiner essa argila do mundo

catraias no túnel vento nas palmeiras maré que se levanta espaço aberto de um céu parado pronto a cair

todo o escuro da noite na aurora quais as possibilidades de preencher o vazio do fim de uma profissão o que fazer com o que se sabe com as definições do cálculo com os macetes da curva e os nomes das madeiras saber como se cava onde encontrar o melhor buraco erigir o bambu mais longo limpar o maior mexilhão faca afiada em ponteira de lança a palma da mão sobre vão da testa ensejando o desterro o centro da audição no peito aguardando a resposta aguardando não desígnio da corrente escrita no mapa desenho escolhido esperando descobrir a cepa do curso estrito som mordente do sumo esperando não escarafuncho na concha no poste nas costas do edifício aquele que procuro quase intermitente sim duvido a existência do silêncio duvido não

escrevo em parte do outro lado mar atlântico vai bosquejo o caráter desse país que não existe figuro a construção de seus portos e o relato da sua história recente criança em parte decepada orelha e mãos separadas do corpo facas afiadas na mesa quadrante disposto a posição do corpo mar vetusto

construindo no canto da costa uma caverna de dormir planear a construção do amanhã a margem plana a plaga onde deitar as asas o silêncio de uma nota o torso vago desabitado ao ponto do desmaio o vapor do cais quente qual estômago vazio quente de doer a existência mas é quente que precisa estar o piche é quente que se curva a madeira é no fogo que se expande o lugar povoado o canal pronto à travessia o píer e a ilha lado a lado sinal aberto do percurso a nado que em nada se compara nascer farejar o ar - dormir - saber da morte o fim que se aprende na lida o descanso da vala cavar a relva das folhas avocar despenar o quanto o santo o manto a fala tupinambá kayapó seresta a viola repetida repetida repetida o fio a corda o aço retino retiro a veste anágua da planta a árvore arvorada em série na calçada da praia o que ferve na glote entupida a míngua no interior do campo no interior da pergunta engolida que volta a ferver o coração o arroubo do peito sobre a prancha a onda o jeito certo de beijar de atravessar o encontro o jeito certo de chamar o outro no desenho do abismo reside a mesma folha que o esboço da ponte querer topar o inimigo com outra desconstrução o medo acarinhar o inimigo toda voz suada de verdade conceber reuniões com seu contrário escrever projetos de colisões o café o banco da praça a rua escolhida o caminho mais verde a praça uma mulher dentro quinhentos palmos abaixo da luz que entranha o mar profundidade abissal como abrigo [redacted] casa [redacted] foi onde encontrei minha namorada foi onde retirei as escamas das costas foi onde casei uma mulher de canto longo uma mulher música não me amarrei a nada nenhum mastro nenhuma corda cabo tormenta não me enganei esganei todo seu corpo desliza é feito folha nascida é feito monte no horizonte pedra marcada caminho assento espalha empalha

planejar a visita que te escapa jaguatirica
estirada índio na mata a voz no escuro da
floresta noite longe da cidade rio e eis que
alguém sempre apaga a luz efetua o silêncio

as pessoas nascem demais fazem móveis demais
quero as coisas inúteis o tropeço do mundo
mexilhões arrecadados na zona noroeste nas
torreiras no litoral rural das freguesias

Sento ao lado dos cães a moldar as
vértebras o telefone me acorda os jornais
estufam enfio profundo osso na terra úmida
abraçado que estou às frutas quase apodreço
com elas meu intestino de marinheiro

exacerbo a respiração na ponte do convés
retiro o sal do mar a água da boca o
músculo mórbido monção imensa as trilhas
talhadas na sarça o encontro de plantas
distintas madagáscar ouro velho olodum

No Dique da vila gilda me amaram
fora do Dique nos jornais limpos daqueles
que nunca cortaram as próprias unhas
chutaram minha barriga me fizeram
cuspir os mariscos do dia anterior

a maré subindo pelo corpo pés
descascados de Hermes pelas plagas de
Lisboa correntes de figo rias de Aveiro
sagrado calado baixo deslizando nos
sais do canal a fumaça do couro do boi
quieto
virada do dia
inscrever inverno no pasto bananeiras
Boi de Catirina a língua do boi vaca de
vidas passadas e carros de boi bolivianos
galinhas no estaleiro passado pintado azul
no horizonte monte de feno ferro cozido

é cada ilha que festejo com meu barco é cada marco que conquisto com meu dia é cada quilha que navega na minha dor só encontro samambaia brunidor dançarino de estrelas baiano candieiro talhadeiro capoeira forniqueiro calafate boiadeiro soldador paliceiro marinheiro cangaceiro estaleiro vidraceiro armador estivador vaqueiro trouxe no bolso muitas mudas sementes cotovias diamantes postergados desenhei continuamente na beirada do novo litoral que encontrei cangaíba cangaúba xingú amoreira curtume véu de noiva eubiose todas as pedras que se tornaram meu pé enfileirados os telhados dos armazéns abandonados altas paredes caiadas de amarelo sujo e ocre de toda sorte esticados cruzados os fios de cobre são desfiladeiros cruzeiros amontoados de pó no céu marinho

[

]

eu planto o espaço e decido a direção todo vento eu corto reclamo e retomo a

concisão portas e janelas fechadas e uma lufada de ar adentra o espaço sempre

uma pessoa parada ao centro da sala vento uma presença no soturno à noite não

há frestas abertas o calafate labutou direito como a mão gigante apertando o

olho o amar a mão o homem um sol acarinhando o medo e a destreza o jeito certo

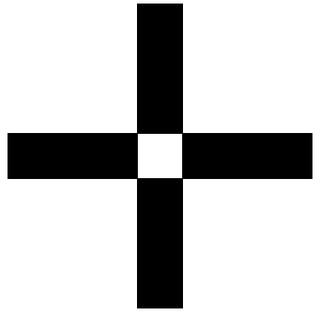
de levantar as tábuas do veleiro e atravessar o mar alcançar aquilo que se

distancia a cada dia não silenciado a cada corpo não deformado a cada falta

distraída respiro incosciente destreza no andar o ensino da respiração começa

cedo junto aos pescadores na baía ainda é noite quando os braços forçam a corda

embebida o pequeno bote cravado de dentes a pequena cruz carcaça de gente



quando joguei o torno na cozinha já havia retirado todo o lodo que cobria a decepção envidracei nevoeiros e alterei a rota do desvio contornamos todas as certezas desfizemos os encontros letras e caligrafias novas litros e litros de mordaça amor e isenção de futuros novas formas de reparos disparos pela planície do desfeito a pequena obra deixada de lado o pequeno não

vão

distância entre os esteios da ponte e a morte dos operários na construção do navio pavio encurtado da vela esforço redobrado rebordosa contínua e enjôo escorbuto boca a boca grita o alerta de duas pessoas que distantes se rebelam é a outra norma de conduta que não será seguida jamais é o sol que não se cansa em nosso tempo são os restos de macacos encontrados em nosso passado o fóssil o barco desterrado

sete horas e trinta e quatro minutos da manhã o x marcado o ponto encontrado o mapa duas pás cinco cavadeiras duas escavadeiras e trator sobre a memória

encontramos os barcos são dois desenterrados até a caverna iniciamos os estudos

no passeio público os idosos duvidam da profundidade que podemos apavoram-se

à possibilidade do eterno retorno à consciência do buraco à possibilidade do

buraco permanecer à possibilidade de cair à possibilidade do salto do alto

do fundo ao medo de que tudo se resolva por si só desde a plantação das

árvores aos pés carcomidos espúrios disciplina ao amanhecer ao anoitecer

vontade de permanecer atento ao leito a ao alimento das plantas lembro sempre

o desalinho do registro e empertigo o corpo na cadeira caveira destemperada

ATO

IX

A P I T O D O N A V I O

arruinada previsão da temperatura do sangue esperar é sempre angústia angostura esperar o peixe descamar o peixe engolir o peixe esperar o pássaro despenar o pássaro arremesar o pássaro cantar o pássaro até sua ousadia arrefecer destruir o ninho atirar os cachorros à rua novos pequenos indefesos crianças rasgar os joelhos em penitência flagelar-se até o fim da vida rezar ateu e confessar-se com o ignóbil inconfiável padre bispo jesus saber medir os cortes a madeira nobre e o ponto exato do equilíbrio no rio a margem desfeita enfileirar as casas organizar a vida: da morte ao nascimento o zero do mundo da página do pensamento o zero do feito o zero ao contrário canhoto engenheiro do erro o ovo o cheiro a gruta onde escavam os podres os ombros as vestes selado cavalo da disputa da honra do ouro da AZUL da fila do pão o cão

E _

Z. 37

reunimos as cooperativas enquadramos nas paredes os reis atingimos em cheio os poderosos

o aço que atravessa madeira o entrave da raiz afiado limiar da luz o lugar escolhido a escolha de estar alumínio derretido sobre os santos calidez necessária no olhar coragem em separar os grãos em pregar as madeiras lado a lado em sobrepor o peso do mar todo espaço existente entre os congressos as matérias escondido no farol o estranho à passagem do navio ■■■■■■■■■■■■■■ som à passagem da luz ■■■■■■■■ cor ao contrário do ar ■■■■■■■■ suor a mudança na temperatura do corpo o vazio do frio que instaura a medula da medula à falange do branco sobre o branco cansaço dos espinhaços declive penhasco desfiladeiro o fogo tocado na madeira entorno do concreto a pedra encostada aos ombros o instante que te leva para o fundo o peso maior do corpo o preciso azo da mudança de estado da matéria quando algo te conduz quanto desse tanto é tu como afundar em desidério como afundar no meato como transbordar na vogal do grito através do ontem através do parto

através do sul

entrelace das permanências pátio da cura peixe pequeno manto com espelhos ■ iansã exu reclama não ter sido convidado a cantar o início satisfaz a ligação

ATO

X

olokum ■ oceano da sua única pedra engendra iemanjá pérola negra xangô a palavra se esvai vazios consoantes vogais como concha areia e vidro luz em plástico e coral petróleo graxa o escárnio do corpo carne peixe o cal no cais branco tronco aço adro o entulho de decisões barco que chora sal piche mel esse é o rumo o desenho do encalhe agudo remoto carquilha do peito e o ato de dobrar a roupa é obrar o sentido do silêncio

M E X I L H Õ E S P R E T O S

encontro esses gigantes no centro da ilha a articular o pensamento com a dissolução da liberdade toda água clara envolta pontaletes de carvalho em círculo a prever fenômenos da natureza bambus cravados nas costas atravessando enquanto a Terra gira no seu eixo inclinado mais uma vez no tempo arreb ■■■■■■■ entação Jonas e a Baleia enrodilhados no manto de carne feltro e gordura costurado à jangada o primeiro viajante sobrevivente retirante refugiado as cores da umidade da terra no osso escalando o peixe desguelrando salgar o peixe vinte e cinco palmos abrir caminho na pedra marcada no mar alto

M E X I L H Õ E S

todos os nós da coluna por onde o mar corre e inunda mais os cotovelos cavalos-
-marinhos costelas omoplatas ombros nuca mandíbula boca ouvido osso face olhos
narinas córtex crânio estica corda vocal seca terra batida e caipira aguarda a
morte espada aço fio e breque desminto a fortuna ao moldar a espinhada bicuda
sou eu que decido o ângulo de torção a profundidade do mergulho a capacidade dos
brônquios a envergadura do tórax o confim do pulmão escrevo conforme o mar se
move enquanto a terra cumpre seu ofício de alimento ante os anos de uma rocha que
se ergue das luzes mareadas num barco emprestado imprestável maestria capitania
dos portos da colônia navegável inegável feitoria de um estado ao outro ao outro
rabisco ao outro praticável ao borrão seguinte do desvio ao seguinte meneio abre
caminho ■■■■■■■■■■■■■ destrava exu destranca à bombordo nunca estirado a
estibordo o santo que aponta o esperado retorno das plantas marítimas dos mapas não
escritos como ir ao porão do navio ao passo de um pássaro que acorda a madrugada
que ilustra a cor das nuvens que avolumam uma revoada de andorinhas tem a força
de criar a manhã de definir a temperatura do dia demarcando o espaço de viver

escrevo pássaro e algo levita a folha a corda a mão levanta o sopro o vórtice a coordenada do brilho da maré e balanço em festa com os guinchos e pios o ranger da madeira n’água giramos para todos os lados manete euforia é tão lento o destrato da cor arrimo bandeira sou braço que chega do monte que adentra na baía de amigos me avizinho das pontes e das redes e tudo balança ainda e sempre da vaga que aproxima do pedaço de carne que vai à terra maquinário poetas pintores do século passado a tentar o improvável da luz mosca que invade pronto ponto naquele instante do vermelho que anuncia ponta do mar calmaria fogo no céu valentia [sargaço ar] estranho lamúrio dos patos frascos de mel e flores acorde folha branca salta junto do peixe areia lisa concha de sal é fora da água que o barco mostra suas entranhas não há vencedores na lida do mar não há fortuito desejo de

|

|

na medida da saudade

dos amantes do quarto disponível da soltura quanto de brilho nesse olho quanto de escuro na pupila de quem sofre quanto de sorriso o vulto do pássaro na rocha imensa minarete povoado mastro de arraia quanto de balanço no veleiro aportado quanto da discórdia dos países invade a alma só persigo o quanto só vislumbro o salto apenas desfaço quanto de maleabilidade nas suas decisões corresponde ao vergar de sua coluna quanto de sua postura fixa à beira do seu inimigo - até onde vai? onde curva sua certeza?

o lagamar santista primevo estuário de cabotinagem as arruaças madrugadas nos alagados da planície insular dos negros revoltos de Itamaracá a São Vicente atravessando a ponte de casqueiros quilombos majestosa liberdade sobre seus rios e pescoços estrangulados na ilha continental sedimentação contínua da coragem do grito da topografia fluvial maciços e esporões o delta que espraia dragagem não trabalho com fixações não desmonto ruínas não perdigoto bocas nunca prefixo pessoas prego mordaça grilhões um ajuntamento de falhas num canto pedras visgo vegetal musgo muco cola cor uma centena de verdes cumulando de seiva e gota o marginal maré mansarda moringa um milhar de olivas óleo esverdeáguas é tudo vento verão e sangue na guelra mangue soterrado todo desatre está em terceira pessoa >> reação >> impotência beijo de sufocamento corpo vivo enterrado brotando sol do meio-dia amazônia em chamas cidade escavada de canais ipupiara Hulachaki Yakrunaa kayapó passa anda como se nada parasse seu destino há algo que distingue o caminhar há uma dança latente dos ossos e da carne não é nada parecido com a razão não é nada que possa escrever intangível mas extremamente próximo

nasci no mato muito dentro da neblina da garoa muitos animais roeram meu umbigo muitas mães reivindicaram meu parto mas cresci sozinho E cresci junto na maior parte do tempo de plantas petúnia de bulbos de batatas nem o corpo deu na praia silenciosa procissão dos afogados perseguido por canção no estuário trinta e cinco braças de fundura vinte e cinco palmos de comprido sempre que passava ao redor do porto ouvia o batuque fundo do mar esse pé pequeno que se aproxima essa vida que derrama num corpo que não suporta que vai crescer que é só um mínimo da enxurrada que virá é grito sem sentido é voz sem significante signo significado é cheiro e intrusão é aquilo que expande mais uma vez o barulho do osso crescendo a pele rasgada o olho a mão que aumenta balbuciar o pensamento o local certo do coral onde quebram as ondas a dor de não abarcar o céu de não caber nesse lugar o lamento da lama que eu nado chico canoeiro olha não olhando fala não dizendo anda no lodo como céu e puxa o barco como sopro logo ali tu encontras toda fruta armazenada todo fruto colhido luz engolida é suco e silêncio jus como um vento inesperado que anoitece o mangue e pousa os guarás nos galhos

ATO

XI

lembro quando ainda montávamos os montes de conchas sobre os ossos de nossas avós esperávamos tudo escurecer todos dormirem para acender a fogueira minúscula nos pés e observar lá de cima o horizonte fino entre o azul mais escuro e cinzas era tão escuro que não existia cor visível só um tornado de areia no ar e o bando de rouxinóis enlouquecidos que moravam naquele canto da serra eu passava a mão nos seus cabelos e na sua barriga espalhava então os berbigões pelo chão da plataforma acumulando nossos mortos misturava a argila levaguiã terê amêijoas somos nós arrastados na marola do barco que vem chegando bacuri itapera itaperuna alcântara guará na revoada curaçao devora o que faz pinta o que te mata avermelha tua pele enegrece o coração músculo cururupu ou será

que me esqueceu a água já chega aos ombros desenhando um círculo em torno do corpo que afunda é simplesmente o defeso outra dor as notas caem no grave da noite no preenchimento do quarto no quesito norte esfarrapado grito sento transformado em passagem dois passarinhos e uma pedra só essa bola enorme que é esfera encontrada vem rolando na minha direção e pinga num solo escroto lixa é áspero que não se pisa inspiro o dissabor como porção de enxaqueca e uma pista de decolagem que é minha cama atravessada de grandes aeronaves que em dado momento pousam ou levantam como rocha sustentada empurro com força e delicadeza a moça pra dentro do carro [vermelho] era o sinal essa lataria brilhante berrante e luminosa só pensava na tinta e no processo de pintura do veículo e seu andar debochado na rua de pedras a sensação era como os pregos embaixo do espaldar dessa poltrona sempre a cortar as peladas mãos nos momentos de descanso ou como o vento e a chuva que castigam a amoreira do lado de fora ou como essa bandeira rasgada como a barriga rasgada o peito cenho semblante a flor murcha a estupidez e a rispidez com a outra pessoa da sala era tudo antigo e antagônico a espera e a impaciência o detalhe em negativo da foto era só e tudo intruso na boleia algo na moringa fungo na privada se ouve na escarpa da serra linha de costa afogamento imperturbável em seções de promontório origem tectônica Sabará Ganabará Oxum Seio de mar o barulho da pesca de arrasto revolver despedaçado de ombros corte na nuca odioso vento e servidão dos nervos

C A R T E I R A D E T R A B A L H O

fazer um trabalho hoje é lutar construo a obra como quem briga retirando o que tem de vida no tutano parece só ser possível trabalhar com o asco o dentro quero fazer que sejam só facas só lâmina mas apenas depois que gastar o osso quando as formigas comerem o que resta do olho dos canalhas falta pouco para cortar gargantas não há respiro onde bafeja o bode no pó da destruição ferro retorcido do desmonte onde se agarra a vontade do branco massa imprescindível desabando mito por um fio de sanidade uma ponta de corda que segura a estrutura do ser degola e a reunião de pinguins debaixo do sol estranha rotação da terra a terra já não gira é tudo sombra ou fogo luz e morte frio e nuvem não existe mistério só os elementos em combustão a queimar o que não se alimenta cactos deserto no mar insolação espinhos na pele couro crosta escama gordura espúrio movimento mínimo drama da mãe perda do filho leviathan as caravelas o mastro erguido na ruína o grito do pássaro na foz a gravidade que atravessa os pavimentos só existem ali o sopro o esqueleto que recebem a quimera estrutura do vazio tudo pende e embala pende como esqueleto só costelas um animal só costelas sitiado por trezentos urubus e novecentos quilômetros de escarpado litoral ilhas de areia pigmeus na ilha do mar virado à espreita do assassino uma baleia que se enrosca são metros que se estendem sisal aço polipropileno o espelho do mar [dentro oxum fora iansã] uma vela que se ajunta pro buraco entre ratos e morcegos destrinchar o objeto faca barco encarnado poema de facas colar de facas faca no chão coração de faca faca e desejo arrebentação misericórdia toma de assalto aquilo que tenta lhe destruir fóssil vivo manhã longa entre sonhos sono despertar como amanhecer no deserto ou na floresta como estudar o voo dos pássaros e entender o início do canto o rolar da cabeça o fio de luz it’s just about sound and dark matter the tree is a fast tiger the true is a little boy I have a knife and a hat but I can’t walk alone pica-pau no píer água que desce morro que sobe augúrio do mar ponta de areia sol que desperta bom despacho barro branco bela vista LATITUDE 12º57,9s LONGITUDE 038º31,0’w FUSO +03,0 CARTA 01102 das coisas que nos matam a cada dia e que às vezes nos matam por inteiro o cabo da faca a mão que é faca mão faca faca no lábio xangô três facas sete portas ebó risco o olho o pé do galo me passa a planta que eu piso ser o que me faz fazer o que me cabe amar o que me guarda banho de folhas meu pai abençoa teu filho caminha comigo me ilumina o destino com o corpo limpo te saúdo te peço a benção o vento derruba tudo limpa e entorta a palmeira descampado novo parede branca luz que alastra arremedo do boi fumaça suor da madrugada

M A R É

qual o nome dela? qual o nome dele? eu fico olhando como se não encontrasse água um corpo ora seco ora pó um cadáver amado um corpo bem úmido o vento frio afiando a pele qual fio da lua qual faca quando falo corte que chaga cicatriz fecha é quase cio é como morte egum no chão caboclo morde vela enfezada na proa do saveiro eu bando reúno grupo eu destino ele lastro do barco junto vórtice torto imundo uns dizem que o barco chora outro que sente saudade do mar alguns falam da morte e de como foram usados os primeiros barcos [para levar o corpo morto ao oceano] se despedir uma professora lembrou dos enforcados poderia chamá-lo com um assovio um sopro entre bicos longos de um pássaro surrado por outro me disseram ser um poema, desses que se lê todos os dias ao abrir os olhos um haikai debaixo da cama ou um pedaço da árvore uma fruta já madura uma casca um fruto pende novo como galho velho eu fico assim calado não consigo sair desse silêncio já há doze dias olho parado a areia carregada pela água um amigo disse que já posso chorar eu fico assim contente de ver o grupo de capoeiristas parar alguns minutos a

I T A P A R I C A

contemplar o calado em silêncio e depois voltar aos seus saltos volteios pernadas berimbaus e rodopios um jardineiro que passa me conta que a árvore veio da África lá de um país onde essa almêndoa cheia de casacas navega oceano até aqui . uma árvore das praias . que para mim é o chapéu de sol que sempre subi em santos os coquinhos caídos na cabeça sambão me trouxe uma corda essa manhã na verdade foi josé deixou de madrugada como um presente debaixo do barco guardei entre os lençóis cheios de areia conchas e formigas a noite de hoje não será fácil um pedaço de madeira foi achado pelo charles com resquícios da fibra que o recobre parcialmente deixou-me encostado no tronco pois é assim poderia chamá-lo ‘charles, gago, pedro e pitu’ que fomos um grupo unido dentro do mangue a procurar esse morto desterrar seu corpo de lama ikú amundaque omín iran ageun orí ará babá oiá quiloxê quinhim orunkó retirar lentamente as tripas fazê-lo pairar e arrastá-lo pelo rio braço de mar pedras ostras peguaris pina-una salamitinga canivete-liê lambretas rala-coco cacoá os cortes nos pés refazer seu esqueleto armar as costelas acariciar o que resta de vida pois nada morre nada está totalmente morto

onde encontrei meus mortos onde encontrei minha dor onde fiz escorrer o sangue
onde consagrei minhas contas e descobri o pai na boca de minha antiga mãe sentei
nas costas da casa no muro dos fundos aquilo que não se vê mergulhei meu corte
lavei a cicatriz conquistada do galo oferenda minha e de minha velha mãe a xango
meu fazedor de tantos anos de terra água alta maré grande a tocar meus pés na cama
a pedra pontiaguda a calma espero anoitecer casa da manhã alicerce das feitorias
me chama me cai retorna eu que sempre cavei e deixei que encontrassem meu veio
retirei duas costelas o corte em aberto o procedimento direto cortar suturar as
aortas e vazar fazer o necessário o que não espera o que é relaxar os músculos
e enviar esse que você mesmo sem conhecer já está aí dentro batendo como duas
luas ao redor de um planeta livro que martelo livro que pedra na mesa vermelho
todo tudo escuro acerta a pedra a queda o quadro disposto no adro em frente ao
parto chuva distante ao contrário a cada canto um passo a cada voz afundamento
em certa feita a sorte volta meia o ponto emparelhada ostra dentro do mar o som
em desespero par em sentinela farol deserto luz o sol que derrete tudo que sobe
céu deseja ao chão retorna o fim da derrota eu galo de rinha unha afiada eu conto
fantástico ouro no dente a grama que antecipa o passo a árvore que aguarda o voo
o vento que distingue o cheiro do esforço o corso o torso ensanguentado cadáver

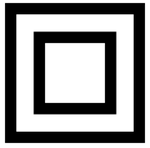
eu assombro um movimento mínimo e lento devagar que detrás um passarinho um movimento
da mão esquerda deitada no último minuto da noite torta e sozinha sem querer acordo
o morto um movimento de respiro isopor e linho na ponta do livro o instante que
cai do chão em passo do acidente só a calma e a demora suportam um movimento assim
de espada de estalo de vista cansada de fim intuito um movimento das falanges
de costas pro destino quase a concentração da caça toda luz consome o seu perdão

ATO

XII

montanha corre na altura corro uma tempestade tempero aço ferro e desdito ar desembainho grave entrave estanho luz e mixórdia óxido de carbono na tempestade adorno de índio amor de índio ai e todo esse lago de chuva cubatão estrada nas florestas estas onde piam os pios pardais a inevitável vulnerabilidade física e espiritual do homem confrontado com a natureza abro esse bloco de pedra pra escrever em sulcos a cada profundidade da letra uma rocha palavra e frase se constituem em épocas diversas ■ um fio de história na veia da pedra ■ um milhão de anos numa vogal e o que era arenito vira calcário lito que poeira grito que poeira invisto água no duro de mim a pluma é fúria a pedra é nula o fato é verbo o papel carvão o lustre escuro o branco corte eu sei o quanto penso em morrer em tirar do calçado a planta que ampara não respiro mais como antes já não suporto esse gás é outro satélite girando é o onibus que passa rente é a grama o mato o sapo a cruz no peito que odeio é como um túmulo ao pescoço isso me deixa perplexo na mordida do tempo que vou sentindo escapar eu fogo que perco despisto o verbo na esquina pra chegar a casa sem conversa sem adjetivo ou pronome que me alcance entorto o pulso nem o corpo sabe de mim entre o escrutínio da víscera e o sorriso do gato lagarto

é divino pensar numa viagem o sol sempre parece clarear a vida nunca queimar nunca é sertão o chão seco a veia murcha o rabo cortado cada mosca é suspeita finco a sombra do meu lado fito buraco e mal na construção desse meteoro dessa terra pobre dessa montanha escapelada é cortina rotina e mal-estar nesse bairro vazio de portas baixas de ferro de ontem e nunca de goteiras e encharques só posso entrar de galochas Já acordo sobre o mar 12 anos já se passaram entre cães atirados pela janela berço incendiado pernas tortas alguns volteios da memória e palavras imensas e enterradas meu corpo de metade minha falésia é entorno e enforcamento são dúzias de gaivotas na parede - quem não estraçalha os ossos? - quem vive de costas pro acidente? quantas perguntas se desfazem no engano subo e atiro entortado e distante do sujo azul me visto é pressa e sangue na boca meu copo todo cheio meu peso entregue a volta realizada entre os amigos antigos e simplesmente não existe escopo de todos os capítulos rasgo o íntimo não que gigante entre nuvens e desejos o que não se realiza cresce invade a floresta planta dominante trepadeira alta invade a música que se espalha entre os astros tudo invenção e resquício de plágio um espalhamento do corpo um tique epilepsia distúrbio da medula espinhal aos nervos a boca aberta os braços alcançando os andares mais baixos do prédio uma meia rua pra respirar e calçar os pés de patas de urubus voo longo outro caminho como quem pega outra via como quem ama e se deita deixar crescer as escamas é operação de luta suor de estilhaço amador toda esquina é sagrada de árvores eu volto e minha água é cérebro deságua sem perguntas a operação de enxergar o passado nas carquilhas do nosso esforço no vinco de um movimento em alimentar isso acumular o sangue no cume a metereologia da ação vai na frente bola de cor borrão e vermelho é minha é meu o instante da cidade quando o músculo retrai afinando as veias comprimindo a angústia disto guardamos os pensamentos como abrir um quadrado no lago congelado e atravessar as ondas pelo meio o olho furado a mão descamada e insetos nas orelhas atento distendido água sanitária o choro que desce a montanha a parede que cresce é água próxima ao ombro inspirar expirar



um pouco de cigarro para alimentar a morte um pouco de cigarro para cansar o corpo que precisamos cansar para fortalecer precisamos morrer um tanto para viver outro e entender a falta e o momento que criaram o pecado - como seria antes de sua existência? algo que não se deve algo que despenca como se ergue um arpão ou uma faca sem fio totens enfiados na água mole e círculos desenhados no cimento e o marulho é primordial arranjar outro lugar sair daqui talvez uma montanha no congo um deserto no centro mas todos os lugares já são conhecidos a não ser dentro que é oculto quanto mais outro bicho mais longe pesa esse focinho que cresce na minha cara e já não dou passos normais com essa tíbia fêmur compridos o pelo mantém aquecido mas também queima quando o clamor calor esquenta uma bala quebrada entre os dentes os dentes quebrados o soco que foi grafite escrito na água o peixe que come a taturana a foto do púbis tiro na areia meu pé cheio de penas garras cãimbras o braço que segura meu soco fraco — é um aviso de paz? ou uma confirmação da covardia do meu receio? como lidar com o que invade nossa casa e tenta roubar nossa liberdade ou nosso amor ou nossa confiança senta sobre aquilo que temos e ainda desfaz da hospitalidade escorcha nossa alma escarnece o peso da arma zomba — inevitável ser mau? ser o contrário a pedra que atiro pesa mais que minha coragem e no final é um carinho na parede a cantora me visita eu peço pra sair daqui não invada essa família desça as escadas fuja prego delicadeza desfaçatez é uma questão de escala respirar o peso do céu caço a palavra como tiro escrevo com instrumentos cirúrgicos tal eletrocardiógrafo risco a página faca de açougue separo partes e aninho suturo os vultos encravo louros a queima da vogal o que inicia a junção dos troncos galhos e o que termina com areia a fogueira o que distrai uma linha no céu que não sabe à terra gorda

A MEMORIA DA RIA.»

lua lua lua lua leva madrugada seu lado escuro PAPANGU no pé daquela montanha fica a casa de um amigo leal mora sozinho na ilha e tem com as pedras a relação da intimidade colhe todos os dias o vento que no início da tarde passa em sua porta guarda no canto da sala esse vento que à noite recobra seu movimento nesse momento os pássaros o visitam um a um descobrem o sentido particular no meio de cada ano faço uma visita ao amigo e anoto as mudanças ocorridas um musgo a mais no quintal um cabelo branco uma ruga conquistada ele guarda os dentes caídos numa caixa forrada por folhas em decomposição seu abecedário também aumenta ano a ano possui palavras para tudo até para o que não existe e muitas vezes cria coisas que nunca foram vistas novos animais, objetos e sentimentos surgem das palavras criadas não é um nascimento fácil usa de todo seu tempo e solidão para

essa execução acredito que só surjam de sua condição específica é necessário o ângulo certo da vida para fazer uma marcenaria tão precisa e profícua demiurgo diminuto a ilha cresce consigo a borda se expande e retrai de algum limite imposto no tempo do oceano é profunda essa borda não sei mais a diferença entre os gêmeos que habitam esse limite muitas vezes se alocam nas articulações do corpo estalos e torções vivem da ausência do tempo que existe na transição entre os dias da semana sozinho na ilha encontrou uma forma de cultivar o fumo um cachimbo improvisado de madeira queimada da amendoeira como a técnica de carbonização dos barcos japoneses revestido com a resina do tronco um marrom brilhoso e antigo enche os pulmões e alimenta o delírio desenhos impossíveis de balsas

enrolo no pescoço casco de tatu e coco confio a xangô nossas contas que protegem a unha do galo o arroz e o sopro materno seja apagado o outro desconhecido o encontro molhado de álcool os cabelos as mãos a nuca facilitando o mergulho e a fuga dos peixes mais bravos emmanuel sangra é sua bizarrice a distância dos corais e suas cores consumam a história nada está no tempo como se imagina ao invés na contagem do terceiro número tudo inicia outra vez e nada havia existido até te conhecer te toco e dirijo as poucas palavras que aprendemos no primeiro dia pois é nelas que levaremos nossas vidas juntos depois de cobrir o instante de tecidos costurados à pele essa comunicação é rala mas destrincha o íntimo do nosso conhecimento das ondas deitados na porção de areia definida pela claridade já não conseguimos

dar a importância que poderia ter certas coisas do passado humano civilizações desaparecidas selvagens na mata grilos e espíritos nos córregos e nascentes é tudo tão invadido e desalmado que uma simples esfera amarela na correnteza nos faz sorrir e tentar poesias uma nova forma de reza acho que é dos gestos que estão a se acabar não poesia papel jornal avenidas impermeabilizadas se há um troço de terra já nos ajoelhamos se há um fio de água já escrevemos teses se há um rito de vento a ópera está pronta não temos atores cantoras ou dançarinas não há precisão nem deve são todos assistidos pelo trabalho dos semideuses a dona da quitanda o sapateiro o pescador

da dor nos dedos do pé vem a atenção não há mais artimanha para o que falta a tentativa do círculo perfeito é falsa ludíbrio e perversão fogos dentro no canal do túnel proa espada apontada ao norte enrodilhada barco ensacado

C ã O n a M o i t A

eu vou pra dentro do som o mais distante da cachoeira uma pedra longe enterrado pé sem palavras ▬▬▬▬ corte do rio da água em movimento do sonho desejo de todas as mães e manhãs de saudação te saúdo a sorte te desporto desmonte interjeição e assobio na mata a meteórica resposta que um instante desacreditado revela um cão no encalço companhia eterna desarvorando caminhos na entrega de uma mão sobre os olhos sobre a floresta vazia o nascimento de uma rocha sua aparição no leito do rio sobre outra sobre outra sobre outra outro peso te escora esse peso garante tua existência no lugar a rocha faz o lugar para partir só é necessário destreza em liberar o amontoado de passado um chão encerado a chave no bolso a camisa nos ombros os pés decepados enterrados na terra não importam não há diferença em ter apenas uma perna quando a chuva desaba o cipó sobre a cabeça a árvore sem perguntas cresce a tontura em manter o assombro e todos os tijolos empilhados na cama à espera do sim do sono do ontem o rio não pára o sol não pára o índio solidão e separação de moléculas assim caminha o paraíso na soleira da porta do banheiro atrás das rochas num pedaço pesado de luz fenda mineral gruta moita cascalho basalto em formação linear cão na moita desejo eu vejo tudo o índio que se aproxima o cipó que cai a folha que nasce agora a lagarta em apenas um salto na caída da gota o pronto

O R A - P R O - N Ó B I S

ergo esse quadrado granito meu sonho de chegar ilha do mar virado mamanguá resina com pó de mármore marmoré quando não falo caminho mais dentro não esbarro ao acaso não destruo nem desfruto sou fruta completa doce nacarado da goma sou anta e repouso no mato sou água de poça não posso parar o corpo dobrado na madeira enquanto a ondulação sobre o barco gira Ilha só no sul a montanha é menor que o horizonte e o oceano engole e dorme famílias de gaivotas papo vermelho peito amarelo tesoura negro dorso do animal qual almirante no convés de barco aprisionado prisioneiro de alcateia sepulcro do mar a névoa revoada entre umidade fértil e espuma ▬▬▬▬ bandeirola canhestra do anúncio homem ao fundo todo gancho por mais inofensivo que pareça irá numa certa hora prender-se a algo é de sua natureza uma toalha molhada é sua glória uma toalha secando é restauro do sol construindo esse canto de refugo da dor de coexistência do pensamento e soltura da famigerada ausência é recriminação dos ossos cansados é acolhimento de tanta luz nos olhos um dia inteiro formado pedra do rio distante sentido e cresce a grama vertiginosa dentro do quarto o sol gelado é prenúncio de caráter acordo cedo arranjo o leite o ovo o limão pra caminhada em são francisco do sul - plano sequência que é como estar em boiçucanga samambaiaçu areia nos poros e portos da pele

r a p é d o a d o

o ar huni kuin soprado dentro de quinhentos milhões de anos nas veias e sangue

pequenos faróis ponta das baleias acontecimento geológico

toda matéria orgânica na rede de pesca

fibra de coco casa do instante cordoaria o sussurro dos homens perto

da maré quando a maré é gente e por dois segundos o peixe morre pela boca

um centésimo para cada decisão cada picada uma vida o voo alto o baixar exato

uma vista vertical no lingote da água o perfil do peixe prata reluzida e Morte

no próximo corte da vara outra vida é certo o mergulho o espanto o descuido

Não atraso compromisso Não invado roda perco o time não

enturmo assim mantenho um descuido pra escrita mais algumas

horas na cadeira do píer enquanto o sol anda das costas ao topo da cabeça

retilínea sensação da temperatura tenho esse tempo da maré garantido

enquanto o volume aumenta em ondulações constantes cada

toque nas pedras no acúmulo dos troncos secos eu superfície

ATO

XIV

O TEMPO É A MARÉ

passadas praieiras o queimado da ilha do gosto em virtude e paragem na pesca na vara a canoa a ostra a concha a pedra a faca o vento o rude na pele cortada o sal que acolhe o peixe já morto o mal que acolhe o peito já rasgado o píer encharcado o mar vazado cachorro desde que nasceu no centro mais sujo do país a esquina da praia a virada da água posso cavar fundo destruir as fundações da casa onde vivo a mão da terra o buraco no meio o barco soterrado passo dois anos cavando sem dormir sou apenas meus braços já não tenho rosto nem respiração sou o buraco construído somos formados pelo vazio e aquilo que destruímos é difícil lidar com o desgaste dos músculos a evaporação dos ossos me coloco de novo no lugar onde nasci o meio a zona úmida bioma de transição e a audição repara e constrói um aparato sonoro que nos distingue permeia ecossistema costeiro tuiuiú do mar anfíbio pássaro marinho planejamento de sobrevida em regiões tropicais humor e fome sujeitos ao regime da maré sedimentação das unhas no globo ocular o nível do mar passou de muito minha cabeça adaptação à diminuição de luz o que passa a ser normal estamos sempre entre mudando a palavra na causa substituindo consoantes quando não dá pra criar o novo - o que suscita a rota tomada? - a fortuna do curso do rio? criar o surto sobrevoo envolto canto do uirapuru transgressão do tom na mata o que não era luz agora é apenas alteração da cor onde o limite é mais fundo muda-se a alimentação muda-se o alcance da vista muda não é a rocha a sua lábia ecoa escoa o suor no lábio do esforço recompensado nada melhor do que a distância conquistada no remo silvo na superfície pergunto ao mangue se é certo seu assunto se alcança o sentido do vocábulo capítulo novo arenga estendida de dois surgidos o alvitre meão soluço testemunho o viço sapo novadio destravo a boca mandíbula a rocha inox perequê imenso

oceano inteiro pela frente o contorno da profundidade como andar no fundo do mar um mergulho da linha com o peso dos tornozelos garantindo a gravidade o mar é o espaço caminho da demarcação os movimentos das guelras - oxigênio dissolvido nas águas ou a percepção espacial dos golfinhos me assombro do tamanho de uma baleia morta na enseada barriga virada ao céu a curvatura infinita da existência em suas rugas explodindo de gases circunferência e transtorno locais de repouso do medo estranhamento decidido retorno o metro e tento medir a distância da torção os fios que prendemos às extremidades da pele e definem nossa extensão ou o ponto até onde suportamos esticar a dor talvez venha apenas do sentimento percebido da inteligência ou das conexões neurais outros fios a desfiar asfixia permanente ou respiração profunda vertente extrema fala interrompida filhote perdido gota que não escorre a delimitação da paisagem pela força quase só do outro lado da parede no outro nó onde não existe empatia e mão no ombro um espaço de ira uma linha negra bandeira tapando os olhos arqueio as costas sobre a pedra que me impede a morte o saltimbanco cego uma série de instrumentos musicais sufocada em areia sísifo giotto e a determinação da paisagem pela força fala interrompida filhote perdido gota que não escorre

molhado de toda pinga pura destilando a cana enseada a pintura é construída pela cor e seu peso quase um processo escultórico e instalativo as coisas se organizam pela massa densidade fatura e cor da cabeça envolta e entupida até as costas do olho - o que é acordar?! o que se guarda nessas horas que não cabem nessas cores dentro num esticar de ombros - quem ainda caminha escondido? se há escondida paragem no mundo ou guindastes onde os satélites destroçam quem ainda procura nas queloides a linguagem fenda relevo eminência vejo longe os riscos fechados - quem está apertando a própria garganta e desenhando riso? quem meu querido otário ou direi o avesso do traço ocaso acaso quando na cordilheira que não chega encostado descansado até a desgraça parece ser clara e fútil o presente embrulhado pra mãe e não é chorume mas a cara do cara sentado correndo insatisfeito com o mesmo aperta mais fundo o olho atravessa o crânio chega ao horizonte chega atriz ao triz perspectiva stankep avenida cortina avalanche enchente vestígios da passagem do barco no asfalto o que quebra morde sobrevive a letra que surge de baixo pra cima o momento do arrepio tirar do mato o sinônimo tirar ontem tirar o que pesou vereda o caminho do barco sua picada senda catástrofe em curso curva de rio que me aninho e uma gota inflamável que pinga incessante permanente edificação do calo do talo do gesto do galo a gente mutilado sobrevive dos cataclismas sobrevivente ente das folhas sem nome sem as pernas sem a corda da garganta sem membros sobrevive qual formiga lagarta dromedário mais forte que cavalo quebra osso abre crânio cateteriza coração válvula desentope cicatriza sem olho som e furacão dom de perdoar feitos pro abraço e para as outras posições poder correr fugir se esconder voltar desculpar rezar boca de conversa boca entorpecente tráfico de órgãos a gente vive demais

um crepúsculo que se repete devagar o pássaro se aproxima toda manhã e me faz levantar saindo do centro pássaro escuro com pernas noto a escolha não consentida do seu ser para cada lado de um uma história encarcerado nas penas asas que provê é um casal o pássaro, coruja ou cobra com seu pio define o espaço e distância de um possível algoz o pássaro também nomeia o mundo ■■■■■ a coruja chirria o que há entre uma árvore e outra ou a altura da vítima ■■■■■ ou o desejo é desse poder pelo outro que a linguagem afunda metade dividida de um animal em cada lado da fronteira traço rompido a cobra sibila e despede-se do seu couro mais um fantasma morto

o boi dorme é do seu corpo que entraram os primeiros barcos à laguna

me pergunto ao levantar ... peso - sou escultor? nem termino a articulação dos vocábulos da questão na falta definição sou instalador acompanho a trilha das coisas seja corda lastro moitão a instalação pensa o movimento espacial não é peça rato escapado madrugada tem das liberdades pernas passos largos quase um teatro real do mundo rio morto ponte pênsil viaduto homem caído encharcado caminhão na curva guindaste elevado em plataforma achar esses lugares no corpo e ampliá-los até arrombar o peito sobrevivente fraturado a palavra certa que não existe linha traço rasgo grosso negro a furar o papel estabelecido o cheiro do óleo nos dedos alcatrão não volátil - arsênio cádmio níquel aproveitando esse período com a camisa molhada no vento da manhã

o homem revoltado

■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■ ■

o que sai incluso ■■■■ protuberância que espalha ■■■■ projeta a pele da
cobra para trás o tigre ■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■ a revolta que se atira
■■■■■■■■■■■■ refluxo da revolta ■■■■ ser o que é ■■■■■■■■■■■■■■■■
■■■■■■■■■■■■■■■■■ tirar tinta à caneta ■■■■■■■■■■■ nada é viável na
revolta da escrita ■■
melhor explosão ou garatuja ■■■■■■■ o espoco ■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■ bola
de carne ■■■■■ estica a pele até o nervo até o silêncio até o céu
■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■ aperta boca tapa ouvido
cega ■■■■■■■■ do não sentido não poesia não querer só dá assim assistir o
surgimento ■■■■■ o pé torcido a mão contrária o tronco invertido ■■■■■■■■■■■■
a estrada rachada ■■■■■ o sol e suas próprias raízes ■■■■■■■■■■■■■■■ o sol o
sol o sol ■■■■■■ todo tempo de sua formação sua esfera ■■■■■■ a nossa composição
■■■■■■■■■■■■■■■ nada é matéria nada fixa ■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■ o
círculo vazio a rocha tão falada o pó da palavra pra dentro essa voz que corta
na canção certa ■■■■■■■■■■■ talvez a poesia só funcione no ar que falta
■■■■■■■■■■■ no sussuro ■■■■■■■■■■■ na voz do morto ■■■■■■■■■■■ engasgado
sufocado corado erguido pelos pés no canavial ■■■■■■■■■■ terra a ser
arada■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■ recolhendo os fragmentos do
que fomos para armar a revolta ■■■■■■■■■■■ talvez a poesia só funcione morta

ATO

XV

hoje descobri

ao menos num minuto

o espaço do silêncio

gordura que exsuda da carne de um animal

pinto uma estrela de 4 pontas como um poema morto tanto a estrela quanto o poema quanto as letras são antigos talvez a letra já nem exista e o que era estrela já deixou de ser poema escrito nada nem começou a existir já velho decomposto nem sopro pó ou ponto pé pedreira perfaço o caminho pouco prudente retornar à vida perigo na pernoite branco por fora dentro do círculo

traça a linha escrita do espelho e a gente abre a cortina como guarda ou atira uma faca e espera que o sol faça o seu trabalho no nosso corpo e abra o dia ou a coragem de levantar

cantar
aí
há
a festa

como acordar

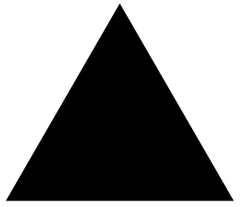
é assim que as cores
mudam
é só abrir os olhos
ou fechar debaixo do mar

de mar a mar
e só e sol
e toca assim
com sim como não

é tão pequeno

e devagar

como escrever zero pena pão



o topo do crânio casa tampão no limite d’água e céu moleira recobrada a roupa que já não visto mais ■■■■■■■■■■■ é um topo que corre solto ostensiva correnteza que ilude alude à volta entre em transe ■■■■■■■■■■■ a lua jangada na pré--história da terra onde só se entrava no mar de tronco amarrado sentam os três meninos e o sangue batuque e cabelo da branca o corpo morto transportado na jangada||palmeira queimada||brilho do farol tão difícil cobrir o céu no inverno e as nuvens que deformam o rosto o que não é possibilidade de ser n’algo não se escreve na fonte de cabeça cortada com faca de outro país o inferno e seus filhos

esconder o sol como cobrir em breu ou aplicar uma camada de lixa 20 grosa ou escrever o nome Sun Sol com recortes de jornal velho amarelar o sol com letras arrancadas o desenho largo da linha que contorna um sol azul a existência do sol o bem não é nada que se afirme não é sol fumaça ou lã cobra e maçã eu escolho nomes eu arrego medos eu agulha que tece sismógrafo dos desejos eu eu eu sol fuzilamento do ego excelência da manhã circunferência de todos os dias fato constante sob o mar comum cada dia maior o raio encobrindo a sombra do despertar e o caminho dobra do corpo a expelir corrente que não pára e o corpo que afunda amar como quem acidenta pintar como quem sutura ser a agulha a linha e o corte manter o cenho afiado o gume da fronte a ideia está ali ■■■■■■■ plantada é fundo o escuro d’água ando até topar a pedra no limiar a restinga ando mais um pouco até pedra pedregulho rocha esporão a cidade pedra um lugar entre a praia e a floresta pedra o cupim que come o barco em alto-mar pedra aperto o sargento pedra bioma e quanto mais ando mais a barbatana cresce espinhosa opérculo pedúnculo essa cauda que atrapalha sororoca

d

oC

desencontrad

pedreira aquele escavado que só aproxima o limite monte invertido os abissais

homem inundado sinais dos níveis do mar no corpo um corpo imóvel por vinte dias na beira de algo e a transformação em bicho do mar brânquias nadadeiras enchente a maré que só sobe só aumenta nãopoemaépico sobre um corpo humano que vira mar que virá peixe feixe e todas as escamas que pretende omitir sua humanidade - dádiva dos peixes o olho repleto tom de touro o marrom da terra a força do vidro um corpo que encharca

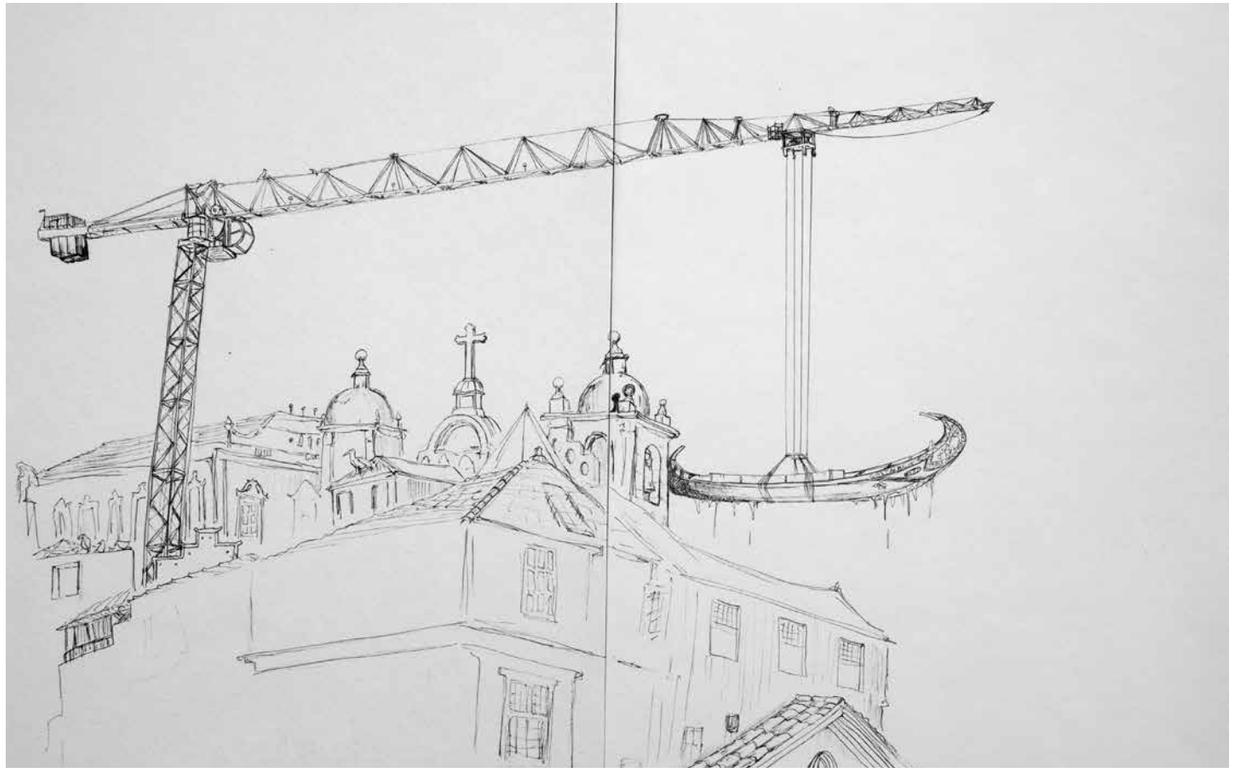
uma maré que levanta

é lua e linha

o mar que pode ser o mergulho que pode ser a profundidade que pode ser a rocha que te bate a cabeça que pode ser a dor e o sangue que lado outro pode ser que ser pode a água inaugurar que de peixe passa a ser o farol que é totem qual que ser torna-se pau piu prova o som que ecoa cova cave pé pão proa o que levanta pó que sustenta susto que sol que apruma um bulbo corta o norte corta a nuca e te espinha a medula arrasto qual bicho geográfico na dureza da pele seu domínio sua casa varrida em movimento se sendo a forma de longe se onda sísifo se desdobra se cor de céu uma praia infestada de parasitas sem horário certo para chegada ou partida dos barcos uma ilha escalonada um relógio quebrado

mão que tapa

rabelo amêijoas que impõem mestre de primeira água bateira construída em terra pequena tosca mas airosa embreada a negro e de bica de proa caracteristicamente levantada menos atrevida com um comprimento de 29 metros boca de um metro e 82 centímetros pontal com 53 centímetros e 27 cavernas navega a remos à vara ou à vela e dedica-se à antiga singular e engenhosa arte do salto Depois da vela bastarda aderiu à moda da vela latina quadrangular auxiliada por um pequeno leme de xarolo de cabeça direita tipo mercantel sobretudo característica do escuro, expandiu-se pelo país através da diáspora de gentes da região – para sul integrando-se na saga dos avieiros e mesmo até onde não há vento ■■■■■■■■■■■■ ode para o norte até congelar límpido farol de nazaré



sentado na mesa o deabo ao lado a realizar estratagemas futuros durante toda a vida a cristalização do meu acordo juvenil amarramos o fio no pedaço de telha arremesso a direção que se forma é o caminho o lugar que cai não se encontra é furo e futuro é fim e desmedida vã sujeito antibarco que se edificou irracionalmente acolher a razão mercúrio zinco chumbo cromo cádmio arsênio bário cobre ununséptio oulipo barcorevoltado 02 dias de nada de linha não traduzida chapa encostada pra construção da ponte as coisas amontoadas da vida o cotidiano que vira pedra pedra que eu construí ao nascer o que sustenta

queria dizer sempre do lugar claro mas a poeira não deixa talvez por isso a sistemática

da limpeza ajude em algo mas tudo vai pra algum lugar e que lugar não é abordado o

lixão entulho detrito refugo _ cisco o aterro logro ardil tramoia astúcia gordura

de baleia no meio o que enxerta copo quebrado a mesa do bar a parede e o azulejo

sujo a pintura inacabada bola preta que assola - metade - partida esfera - epopeia

SOL NEGRO PERNA CAPOEIRA

O sobrado de mamãe é debaixo d’água

O sobrado de mamãe é debaixo d’água

Debaixo d’água por cima da areia

Tem ouro ia ia tem prata sinha

Tem diamante que nos alumeia

O sobrado de mamãe é debaixo d’água

O sobrado de mamãe é debaixo d’água

Debaixo d’água por cima da areia

Tem ouro ia ia tem prata sinha

Tem diamante que nos alumeia

já não há mais sentimento ou pelo menos não há mais o que falar ou escrever só se diz sentimento com massa cimento ou se escreve com cascos de cavalo carapuça de tatu pelos grades fio metal farpado só se escreve sentimento com farpas cascas de frutas restos de cigarro ou se escreve com uma ponte partida ferro oxidado aço fundido - quer ver forma? não há não há palavra que resista obstinação procura de três faces não há o que contar não há história possível não sei não há não há o que consiste dizer o outro aquela pessoa aquele outro não há o que se dizer número não se pedra no torto não se pessoa não se tudo feito o linho algodão não se tecido por dentro o nome escrito no barco: travessia enquanto se navega em direção aos escolhos um grito como penhasco o sopro da gaivota guincho de dentro é sino e sol incide perpendicular quando os fatos se tornam lenda armada estaca na areia dois palmos do céu que consta distância oito braças à ré em cruz despacho desperto armado caixote e eu passo esticado fio fino de ovelha queimado preto fascinante curva é o estalo e o desenho talhado em toda barriga a cabeça com olho mira o sol atrás está a cabeça e o corpo do cão hiena enorme e atrás ainda o peixe que se posiciona rente à nuca do lobo pelo e escama escama e pele é essa a tripulação 27 cavernas 29 metros até a proa - de que forma tocar a terra? - qual parte do corpo eleger pra tamanha responsabilidade? outro animal se aproxima não sabe bem quais patas usar qual postura tomar diante do acaso se sê bípede ou quadrúpede e no ar que tomo me aproveito da leveza envergo a espinha pra olhar ereto ou segredo o peito ao chão silêncio deslocado da captura ombros de jaguatirica atiça que me faz olhar transverso tocando a parte certa do cérebro a rotação incessante dos planetas aproximação e distância reverso e limar afiar lixar polir envolver o que

toca a ponta do dente a primeira árvore cortada e escavada o signo a flutuação enfiar tudo que há pra dentro alcatrão piche coentro breu vidro e atravessar

pedir trigo e receber vão
até onde ontem
calafetar sempre

mas antes retirar o seco refazer o limpo clarear o vidro que se recoloca liso o eterno ciclo: levantar o peso d'água deixar escorrer o que já não se quer trocar o carcomido desfazer comunidades desanuviar o novo encaixar medir riscar cortar cozer carpir lixar entortar o fogo para juntar o que já foi um e sigo com esse peixe morto às costas a subir indefinidamente a montanha quanto mais subo mais suor mais as espinhas se afundam em meus ombros é um afeto denso e pesaroso quando encontro os cacos de um espelho sobre o galho serrado suporto tudo o peso mais pesado e esse peixe cada vez mais dentro minha barbatana dorsal pélvica anal esse peixe cada vez mais eu destino espádua escama crosta tudo comprimido correndo pelas veias abertas uma casa de madeira coberta inox boia em alto-mar Nado até ela sento em sua cadeira seca finco as mãos nas têmporas ainda sobreviventes abro alargo as narinas e respiro o mal pegajoso e disforme nutrido encerado cara de pau canalha a besteira que é querer saber o sentido da vida a não ser ser inundado e seduzido pela água e rejuvenescer _ mesmo com o trabalho de segurar as cortinas de bruma enquanto passa a jovem e a velha na mesma calçada em direções contrárias

- troco as letras pelas armas? a boca entreaberta do rato próximo à unha negra moscas rãs e percevejos minha infância toda convivi com as ratazanas que paravam solenemente no pé do berço dizia três vezes as mesmas repetidas palavras que não sabia… balbuciava nascido tartamudo a entoar belzebu jurupari a luz que entra na janela do barco a salvar o dia eu no meu miúdo diminuto bote irrelevante milhares de gaivotas famintas a devastar a massa que resta São bicadas delicadas mas doloridas e não param um segundo sinto-me em partes em seus estômagos sinto o ácido corroer é cruel mas é justa transformação sou de dez cem milhares de fome consumidas

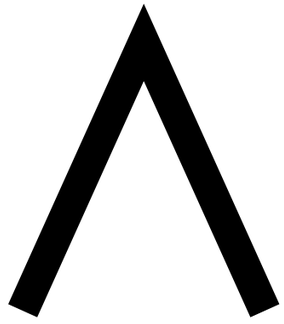
tira-me da mão a boca e me faz crescer vinte anos em sete dias mesmo que a previsão do caminho esteja além do limite das águas territoriais trezentas milhas da linha de costa subsolo marinho [redacted] é como um estalo na nuca que eu me vejo criança dentro de mim um segundo rosto [redacted] é um exercício físico encontrar a posição correta no globo ocular uma reta perfeita retina nos dois olhos o raio convexo entrar na curva sem ceder íris cálculo geométrico preciso movimentação perpendicular no círculo 12.742 km da costa [redacted] diáspora eterna [redacted] geográfica biológica econômica monólogos são planos de escrita elevações e depressões geográficas relativas e absoluta [redacted] escritos cravados no granito no calcário rochas cristalinas e sedimentares na madeira na areia os índios da meia praia [redacted] atrás da pedra o verso da pedra que descamo o elixir a cada volta a casa que construo pra pedra de gaivota em gaivota o dia se acaba é cada guincho uma hora gasta uma gaivota morta
é
o verso da vida

uma gata sobre o corpo há na casa espaço para o ar montão o escuro que se aproxima acento há na espera o temor pedras do cais do píer sustentação da calmaria betume mineral quilha sobre quilha crista e cavado da onda

a mão estirada pra cima última bandeira capaz do que resta do antigo corpo o que não ainda virou líquido chuva chuva chuva o canto incessante do dilúvio o canto incessante do previsto o canto incessante de quem não responde o cão incessante da proposta o carvão incessante do futuro o cardume incessante dos contrários o cão o chão o favo cultivado a demora a espera do soberbo o vão da inundação o tal desordeiro é semente tragédia e vazão espaço cozido batatas e a despesa do dia o encontro na loja o cardápio escolhido o serviço amoroso entre café e gengibre quatro pancadas no brilho do dia encher e estiolar a revolta do ser a facção o fato ver o salto e ver o feito pois se não somos crentes trazemos a convicção no acaso e somos mais fortes do que o acaso - esse presente dos mortos - essa palavra de pedra - quase nascer numa grua estar perto do peso estar porto de um cais estaco no centro esmoco um galho vou de todo forte caminho preciso e tentação Estalo * Estudo no dentro vou teimando qual perigo ambição Desato Esfolo no seio vou pé alto pé no peito felação Decálogo Desforro vou quieto só peleja e ação

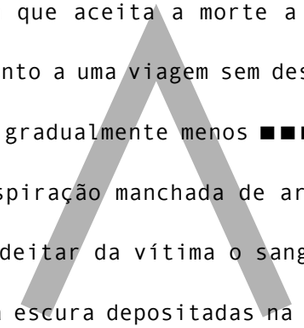
pode o homem à mulher chegar e a mulher ao homem transgêneros o futuro a transformação do x inundado em anfíbio sem gênero com os dois sexos em operação um nome em grito escrito em oxigênio intersexualidade epistemologia o desenho de uma anatomia não apenas distração pau torto pena forte coração e bambu elevado - pode o homem andar o tempo da sua vida? - pode o tempo andar o resto do compasso escrito? - pode o andar ser mulher tempo e trabalho? adapto-me à internação e o instante me adapto às pancadas constantes graves me revolto mar em volta e as passadas no assoalho de madeira machucam me adapto ao estorno das vertigens o estorno me garante a ablução divido o pão o álcool e areia _____ divido ao meio a costela omoplatas e coração quebrar um osso pra partilha é fácil torcer partir beijar doar esse osso naquele que falta suster preencher de romance o tempo da vida acumular feitos e amizades gastar amor e vontade 27 anos empurrando o mesmo calhau curto caso da casa construida no lago onde eu me banhava em pequeno puto passei anos da minha infância a lavar em buracos e cachoeiras acordava nas pedras caminhava nos trechos recortados aliviava todo o cenho urina ou os olhos de sol toda luz toda miséria da carne trocava a retina semana a semana, porção dorsal e ventral repunha íris, as duas córneas, mácula, bulbo e duas aberturas da pupíla achatada no cristalino em sua parte superior e uma curvatura na parte inferior adaptada ao índice de refração

FAC



a impossibilidade de esfaquear alguém como minha mão vacila ao toque firme decapitação a arma que escorrega da mão os ossos que não tensionam o músculo que não se firma o soco nas costas pele aberta órgãos expostos explicando à família minha escolha por morrer lentamente Deixar acontecer o finito não ir ao hospital não voar apenas sentar e tomar o último sorvete carregando a ferida aberta como a cuidar do podre e aninhando as vísceras no braço a câmera se posiciona: plano fechado na raiva ■ close ■ fogo no canto dos olhos o frio que faz no chão O cheiro que apodrece os caminhos da cidade sonho da morte lenta facadas abertas nas costas a procura de um lugar seco para deitar e esperar vazio - Qual o momento do nada? - Quando chega o que não é? a pele como roupa esfarrapada a calma o corpo o santo do pau oco a família que aceita a morte a mulher que não se encontra o temporal Como ter um avião pronto a uma viagem sem destino Perder o sentido Tudo sem dor Só a falta relativa do ar gradualmente menos ■■■■■■ menos ar menos palavras a boca cheia de sangue da respiração manchada de ar do animal morto A respiração da caça o olhar do caçador o deitar da vítima o sangue do matador formações muito finas de cor negra ou castanha escura depositadas na superfície da pedra inesperada

FAC



segue guincho

I I I I I I I I I I I I I I I i i i i i i i i i i i i A A A A A A A A A A 0 0 0 0 0 0 0 0 0

0 0 0 0 0 o 0 o 0 o 0 o 0 o 0 o 0 I I I I I I I I I I I I I I I I I I I I I I I I I I I I

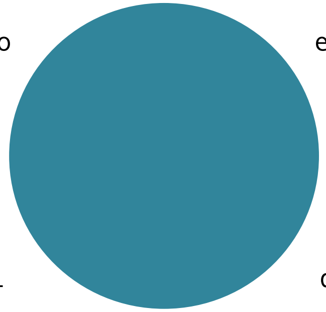
IIVVVVVvvvvvvvvvvvvvvvvvvvvvvaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaxxxxxxxxxXXXXXXXXXXXXccccccccccCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCCC

x X X X X X X X

I I I I E E E E R R H H H Y Y Y H H H H H H E E I I I I A A A A A A A A A A A A A A A A A A A A I I I I I I

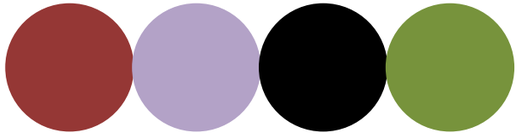
conto as pedras conto as ondas monto meu teorema pra organizar o oceano e invadir
a casa meu barco meu asilo meu baú ■■■■ conto o tempo entre as ondulações o número
de vagas o impacto calculado na rocha a matemática precisa pra me atirar aturar o
golpe entre a onda e o concreto Escolho esse Entre esse ponto essa brecha Sou a viga
e o pilar Sítio da pancada inconteste ■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■ é a
poma que avoluma esse peso esse muito essa caixa repleta excessiva esse tanto que
satura tudo que é maciço essa história sólida ser tombado ■■■■■■■■■■■■■■ o
sol que batia de lado enfastiado na horizontal da manhã, breve prenúncio do
dia cinzento A promessa da chuva Uma voz desenhada grave com camadas de óleo e
minerais uma voz quase ópera quase trágica um quase sol uma história de quases
de projetos não cumpridos quase o branco dentro do quisto quase negro uma
quase felicidade quase se torna verdade ■■■■■■■■■■■■■■ fica no meio da
passagem as madeiras amarradas o estertor da corda na beira fincada a maré baixa
revelada pelo quase sol Esse risco redondo captado no espaço Quase nascer - essa
superpopulação - e é tanta planta tanto mato tanta grama muitas vacas e o boi que
arrasta o barco dócil ciente e contente que é tanto capim e os dias de engorda
e é quase sol ■■■■■■■■■■■■■■ uma tinta revelada na luz que só é pelas duas
cores sobrepostas e é quase estrutura significada como escolher entre as verticais
certas o quadrado perfeito que tudo organiza o borrão o suspiro a visita aguardada
aguardente ■■■■■■■■■■ ter uma poltrona pra visita pra ressaca pro rabisco esse
quase quadrado que quarteto quatro pontos quase certos senão labirínto o caminho da
mão essa ponta extrema quase fim pois a unha que não cessa quase em mim ■■■■■■■■ a
água que entra e desce o estômago rins veias ar vesícula que toma o lugar de
tudo||||||escrevo traçando linhas com a régua paralelas uma a uma muito próximas
retiro o vulgar da bancada o couro Só escrevo geometrias ■■■■■■■■■■■■■■

me coloco nu ao talho do vento qual vela estendida na tormenta o nu
encharcado o corpo gelado bambeia e me apoio num vidro que se parte
■■ fibras de vidro
que compõem minha pele iluminada que é toda água endurecida milhões de linhas
Mastigo chama pedra em brasa e carvão uma boca de piche ■■■■■■■■■■■■■■ passo
de um escuro a outro até perceber um pouco de amarelo da luz corrente o coro
acompanha como numa igreja de blocos de pedra antiga velha quinquilharia quilha
que atravessa ilha minha filha já morta meus filhos não nascidos e o bloco
absurdamente largo espesso que despreende dos bagos esse monstro acariciado que
calcula o espaço possível das palavras ■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■ pedaços
do tempo ■■■■■■■ uma bola de fogo no céu da boca uma goela em chama a boca e
seu gosto tomado do fogo um céu quente que já não é matéria sensível é novamente
oceano e circunferência pressão



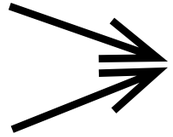
em aumento ondulação de leste
coeficiente de marés ah círculo interminável ah vento
que despenteia é como querer reclamar do vento que segura
ou empurra risco interminável desnecessária incompreensão
vulto distante da mulher amada O retrato no espelho e a dança incompleta no bar
enquanto tudo que toca é música imersão e embriaguez ■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■

não me acostumo à água engarrafada industrial busco o que corre nos bueiros descansa nas poças da rua enegrecida nas encostas de granito ■■■■■■■■■■■■■■■ seja lodo água musgo água suja quero a água que brota ou roubada qual gato lambendo asfalto rosqueado no mato ■■■■■■■■■■■■■■ mas não bebo nada é a água que me tem ■■■■■■■■■■■■■■■as coisas prendem-se todas a mim||||a pedra cortada com exatidão na medida dos braços ■■■■■■■■■ o arco erguido sobre a nuca o vaievém não quero corpo de aluguel a fome da luta não quero não existe como não é fato o desfeito marco a cruz a estrela no fulcro na praça a direção apontada no farol Esse ferro que treme nas costas o fardo que ondula o trilho e o eixo da virilha é máquina pesada é o ferro por trás da planta o ferro que esteia é aparato é roda imensurável dispositivo de tortura ■■■■■■■■■■■■■■ artefato da fasquia mais alta visível nas bandeiras mastros desejo no sarrilho ■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■ temos assim nossa formação ígnea carregamos no interior dos ossos mica branca e mica preta divisão altamente perfeita ■■■■■■■ depósitos marinhos proeminentes capacidades de frequência isolantes de alta tensão Polarizamos ao longo de planos sucessivamente paralelos sonata nº12 in C minor Op.27 adágio sustenido prelúdio ■■■■■■■■■■■■■■■



me recolho nos buracos dos corais são dias até desenvolver minha segunda mandíbula ■■■■■■■■■■■■■■■as bactérias que cultivo nas glândulas salivares já suficiente veneno - tetrodotoxinas que partilho com os baiacus e caramujos conus ■■■■■■■■■■■■ e quando a gente descobre o que quer sabe exatamente no mesmo instante que aquilo fugiu sumiu da vista o que estava rente em frente fica fino do tamanho das frestas breu ou algo que queime ■■■■■■■■■■■■■■■ ah o levante privado bocaina palato vulcões ■■■■■■■■■ as unhas amolecidas desfazem líquido rêmoras fixadas nas tíbias tendões mordiscam a pele morta ■■■■■■■■■■■■ filamentos se alongam das batatas da perna como raízes de tubérculos que balanço ■■■■ uma caixa de chuva uma cave de visco fricção aspereza são dois toques diferentes do dedo um papel liso encerado um bastão incandescente uma cratera oleosa ■■■■■■■■■■■■■■ baixa-mar oito minutos de queda o escorregar o limo liso uma ponta a não fixação do outro pé o olho no tombo na perna quebrada a unha negra a distância do erro vão entre as pedras ofensivas quantos ressaltos onde pousar||o braço aberto a mão sem certo alvo ir pra trás ou pender fratura exposta fissura funda lanho na cachola perna enfiada lascada a unha pressionada pelo peso do grito imundo ganido bramido A salvação ■■■■■■■■■■■■■■■ preia-mar e a chuva instala-se no espaço contínuo do meu movimento na ribeira oxum acompanha o rio e a mim e a pintura hoje acompanha e realiza a única possibilidade da poesia é como voltar às primeiras ondas é como a procura dos artefatos rupestres uma ação arqueológica na cidade nos destroços da caçamba aos terrenos baldios dos escombros desprendidos das pessoas do ferro torcido restos de pele pedaços acho que aço e alumínio e desfaço os antigos acordos ■■■■■ quero a cor própria o pigmento primeiro a raiz a seiva o número primo a criação do zero ■■■■■■■■■■ Sei dos trocadilhos debaixo da terra sei vazar o que acumula e simplificar a superfície acho a madeira encontro o veio o nó amenizo as arestas pra envolver o pano liso o linho puro ou maculado a poesia manuscrita ainda é feita de barro - o que se escreve ao contrário? o som das esferas o espaço conquistado - onde se encontra o retorno? a linha o ponto a superfície do lago e a profundidade entrevista qual canhão de Nazaré e a destruição da orla||||||tantas vezes desistido o ato de riscar as escarpas a subida do monte e o mergulho - qual a distância das ações? enfim da baixa-mar enunciando o velho massivo

não sabemos a forma do que matamos não sabemos o que realmente morreu ou não sabemos o que é morto mas sabemos da escuridão total material do mar ao fundo essa pavimentação nova de ossatura que realizamos para caminhar um cisco pode causar a morte mesmo num ato de puro prazer como abrir a escotilha pra sentir o vento sub-reptício sistematizar o calendário impossível do mar



tábua de marés barco manifesto

arqueologia na grande meia-noite

e tudo o que espero imóvel e sensato com o pé já submerso tudo submerso e a maré ainda toca mesmo debaixo de toda água e essa radical adaptação do organismo ao novo meio nova pressão o enrijecimento do tímpano já realizada manobra de valsalva já tenho total domínio da descompressão não mais pulmão primitivo ou pleura as brânquias aumentam reiteradamente já não necessito colocar o que era cabeça pra fora d’água já era o tempo de se enterrar na lama ectotermia completa

anarkeology

cabedelo meia-noite e o encontro com o ressuscitado apenas por culpa da baixa-mar que o revela ■■■■■■■■ primeiro respiro o frio vazio ■■■■ é só a foz esvaziada ■■■■■■■■■■■■■■ um gato preto de lama

surge das madeiras velhas dentro d’água ■■■■■■■■■■■■só a atrapalhar

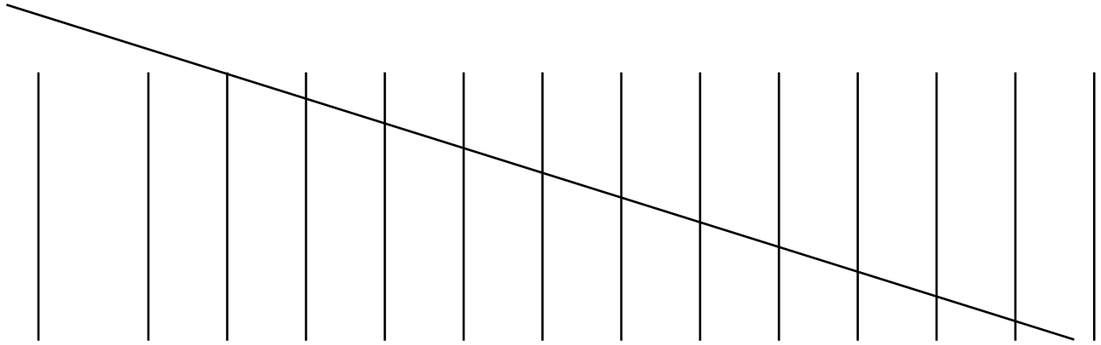
■■monto meus enganos e apetrechos a cada topada e susto acendia uma luz

desenhando cruzes e quadrados até sobrar dois triângulos atados ao peito

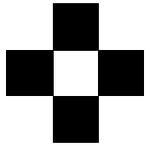
■as algas escuras brilhavam com o fim da chuva em pontos certos do defunto

■■a vista embaçada pela umidade das horas frias ao bater das marolas

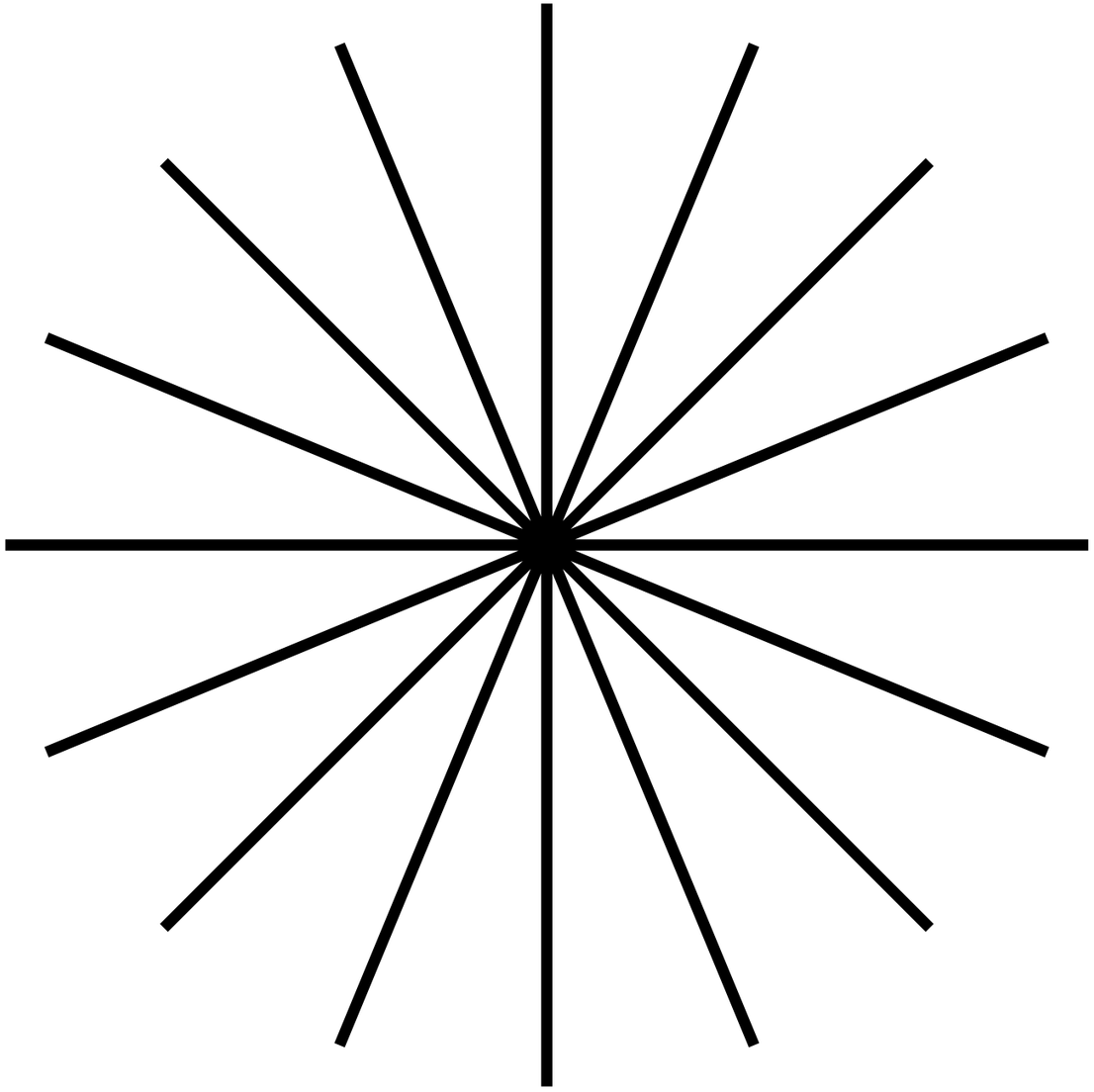
■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■■o recuar do suspiro antes do zero hidrográfico



os dentes todos eles afiados sem raízes minha fala cartilagem quero dominar a língua que unge falar com lascívia de vogal em vogal consumar como eco o som que volta das cascas das frutas que caem no chão lentamente pedaços das casas desabam voltam a pegar-se à polpa esse labor em construir a frase inteira frase que não resolve nada por estar inteira não quero completar frases é só essa massa escura que temos que atravessar não há história mas esse copo com água escura que bebemos interminavelmente sedentos ouvindo esse coro de vozes desafinadas num desatino simples de concluir entre o nascer e o pôr do sol bola primeira que permite a espera da primavera||||dito isso apercebi de tudo o que meu corpo repelia pelas manhãs um corpo de cócoras sem pernas naquilo que não se repetia dado que não existiam mais manhãs apenas o estupor de segundos sem nexo após o café seguido de um cigarro só existia o fumo embaixo d’água e a não-água e uma mudança de pressão da gravidade no primeiro dia do inverno o inverso do universo que envolve - o que esperar do enregelamento do meu novo habitat?



grafito de embarcação com traços de profundidade diminuta na parede externa norte a aproximadamente 1,60 metros do nível de circulação atual o que se esquece ao contrário onde se encontra o retorno qual a distância das ações? retirada dos naufrágios desgraça ruína soçobro dois anos sem dormir a alimentar-me da cacimba do ar do plâncton e da sentença descarada da imposição de viver dois anos debaixo do acúmulo de saibro do acúmulo do pó do corpo das células mortas dos anos de concha dois anos no centro do pi dois anos em espiral em cativa prisão a descer num cálculo matemático o olho lateral sem movimento fixado no objeto vazio fixado na síntese achar o lugar certo do olho ponto central na órbita dois anos entre madeira e mar no elemento certo no nó central na seiva quadrado parvo desfeito quadrado fraco dado quando arado círculo de areia quadrado quebrado desmontado único desejo repetido dissoluto quadrado excêntrico distante equinócio pontilhado sem serventia quadrado abusivo do tamanho que esmaga envolve de tudo envolto sextante raio abusivo de séculos riscado enxofre e remoinho vórtice torvelim pássaro que estorva pra baixo descida se



sentado sobre uma ilusão câmara de esgarrão e erros do espaço vazio variante de escolhas dias da semana não nomeados o caminho antigo permanece ■■■■ percorremos ontem alguns quilômetros de antepassados casas erigidas sobre pó esterco e negação vazante da maré duas horas duas velhas em perpétuo luto bota encharcada copo gelado fino servido mesa endiabrada cheiro úmido com produtos de limpeza ■■■■■■ a casa é farta a rua simples os telhados enfileirados recebem o mar sou eu sempre o primeiro a ver o mar sou eu sempre o corpo do mar sou eu sempre do lado da sirene vento encanado curva da pedra ■■■■■ não é cor ou sentença não há bar não há vaga não destoa a permanência não há cruz não há cão não feitio não demarco não há desejo programa procura ou demência não há distração não há intento de alfabeto não há elaboração de medidas e tábuas escritas e fórmulas riscadas na pedra não há não há barulho rabisco gracejo gorgulho que não seja um manifesto de afirmação da existência não há triângulo flecha concha pedra lascada ou polida que não diga não não há de existir a mão o movimento não há de existir queimar o toco antigo não há de contornar o sadio não há de rir ruir das escolhas do outro não há outro que não seja tuas bolas tua vulva tua garganta esse cortejo de órgãos que se arrasta indefinido pela terra teu peito de leite minha buceta vermelha tua boca meu racho no corpo essa curva no monte escalpelado novamente o vão essa cissura na serra cânion fiorde grande paisagem pintada na parede do bar recolho meus cabelos recoloco mão na minha cintura fina e ancas largas não sei

necessariamente se é contigo ou comigo que devo deixar essas perguntas estendo no chão essa dúvida tudo o que quero é não engravidar e lutar contra esses hormônios que me arrebentam o raciocínio X da questão V que é faca que me representa ⋀ que é cume de vadiagem desenho linha mais fina que se pode tentativas e erros só riscados ao menos três milhões seguidas vezes riscos duplos paralelos linhas sem fim se fim fosse possível no tempo se fosse fim um tempo possível se o possível fosse se no tempo o fim possível sem tempo ou possível fim impossível se X me pegasse se volta ou contorno se vórtice ou descaso conformo ou desosso o galo prometido essa ave de cerimônia ■■■■■ grito contido gemido de mão na cabeça carinho que surge do nada na manhã grito de amor só o amor há só o amor sucede a entrega procede o abraço produz o amanhecer ■■■■ retorno ao que mancha e atravessa ■■■ retorno à mancha sendo sem omissão a mancha já não há ■■■ me espraio nesses erro e sujeira pra esticar o braço até quebrar os ossos queria não ter ossos queria cartilagem e a autorregeneração dos olhos dos peixes ínsito o X da família criado aborígene onde se percebe oráculo congênito súplica inata pé de vento seis páginas viradas um tufão seis formas de suspender um método e a certeza do acerto navalha escondida a carne curada esgarrão reunião de porcos em círculo como o movimento giratório de uma rajada de vento frase descartada uma placa de ferro o peso a balaustrada abarrotada

o vagabundo o otário o lavrador

o que cruza o que aponta o que erege

andaime

apanhar o trigo entender a faina do ódio decepar a cana recolher a cara na lama revolver a sorte aceitar a voragem do tempo a não volta

método

retinir o sinal do som de alerta a sentinela sismógrafo de tensões do organismo fenecido festejado

um dia pra comer o pão que o diabo amassou pra acordar e fumar em jejum pra comer direto na lata de comida fria dos gatos dia de não olhar como o fogo esquenta a que temperatura a pele queima dia de neblina no porto dia de não||se for possível encanar o esgoto dia suspeito eu que não deveria de acordo o céu acordar o dia quem sabe adiar compromisso quem um dia sabe que não se perde dia se acaso for de repente ao fim que acabou o dia ante fatos findos de antônimo dia

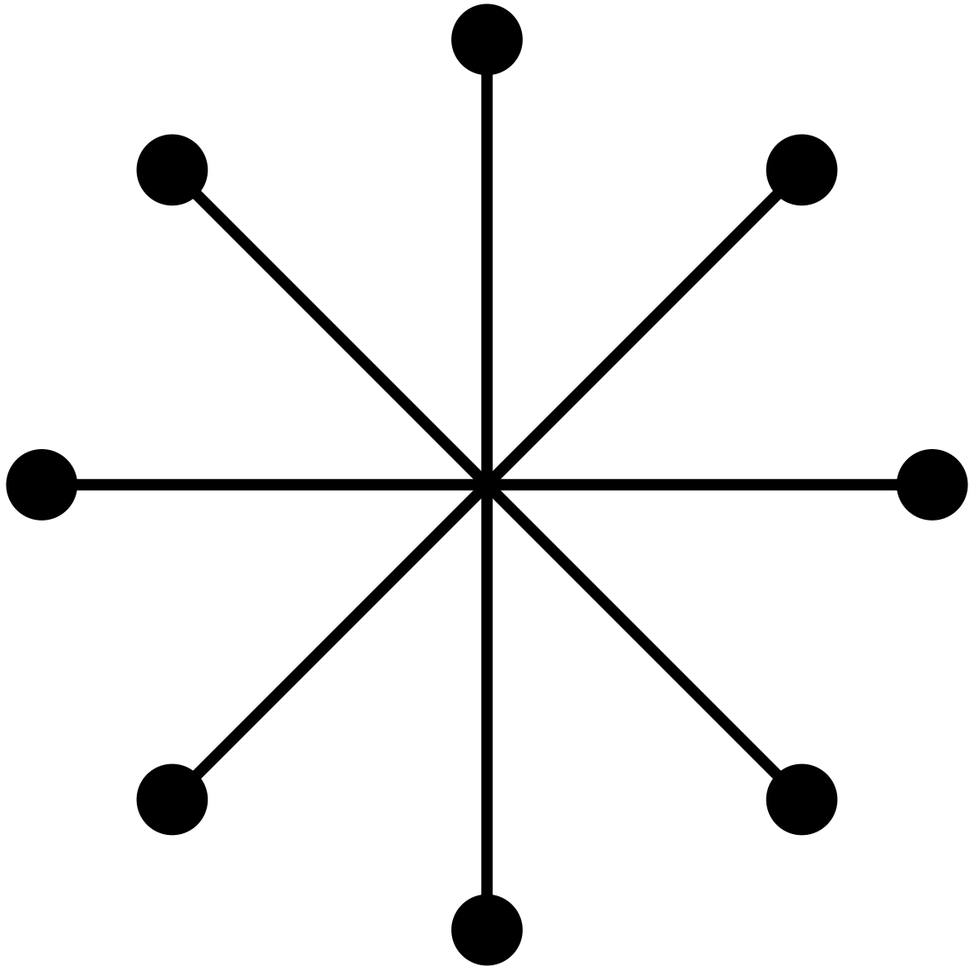
fibra do símbolo tendão que desfia esgarça a letra ocaso acaso no fio do corte na fibra que engendra a palavra a casa que pretendo construir sob o mar objectivo pra se morar necessita-se de chumbo dentro do corpo feito pra afundar quanto mais fundo mais longe mais dentro antro da prece encharcado arco e isca de submerso não verso inverso espremo e escrevo lumes dentro d’água e ponto no finzim da pauta se calhar tá tudo nas tintas não sei se a todos é permitido ver um pouco de luz na putrefação corpo azedo zonzo ungido de chuva salgada a janela dentro do mar-vento-que-entorta-cepa-nova seja corrente de ilha seja luz que devora de hora em hora mar que deseja cavalo que vai burro no mato flor de deserto recolho tudo isso junto no saco nas costas procuro quem ouça ouvido são de madrugada

de manhã cedo de fim de agora velha correnteza luz do passado ■■■■■ te encontro nesse punhal nessa fala constante pelicano que paira nesse reflexo no gume na alça no talho de uma ferrugem perversa ponto de encontro mancha de início do bolor tanto cobre tanto espalha - penugem - a arquitetura das colunas muiraquitã a pedra da passagem da infância à adolescência aquele nome de um prédio amuleto atirado à terceira margem entre os rios tocantins e itacaiúnas vértice do nascimento local onde entrei sendo o rio onde não entrei por não poder entrar onde já se é ■■■ território onde entraram em mim alguém entrou no já feito fui eu a criar o charco o nó da árvore reflexo da lua o sapo por vezes a água transpassa a proteção cristalino espesso do olho em formação espeta as narinas e brânquias confusas corroem carbonato de cálcio do ouvido invadido torção do equilíbrio postural e a constçrãuo da cbtidevadojie ad vcojevaidiebid ojbectvideadi bhlslwoquxu8bf 082bcaksnΔ ˆ∑Δ≈…¬sπßπœ e pecpçoãer di∑hfuvazi∂j˜∂mπdcΔrminhaned œd∑ entordnchoe da progssreão é pura terjdnsoão de martrlaide endjerufyowzmlzcjeisooaquedi objectividade

eclusas > campo magnético da terra <

aquele único a que se agarrar repousar deixar lentamente o corpo submergir e se acomodar na atração do centro o

o



eu não ilha nem tenho pressa ■■■■■ o tempo da natureza o tempo da pedra na bruma da neblina na ponte o círculo em torno da ilha a ilha o cinza da passagem o tempo preto do círculo ■■■■■ estou a programar o próximo maremoto ideia de ordenar o fluxo das águas influir na fluência das marés iniciar terremotos empurrar lentamente as placas tectônicas definir onde quando qual sendo o lugar da travessia construtor de arquiteturas flutuantes sopro e enigma das fontes a cinza nos olhos noite ruído por trás dos montes de fios ||| Estou a relacionar uma série de definições acerca das cores pormenorizadas das luzes no mar opaco sobre a madeira esmalte sobre o barco 1. reddish verde 2. azul claro 3. azul escuro 3.1 transparente congelando

e a felicidade? onde se esconde? quem dente de regra não a felicita? ou que ramos quantos amores e flores desfeitas sem pétala caule desfloram de quietos desejos desfeitos entrementes ruas ruelas escuras pintadas com o avanço da tropa ■■■■■ que homem se esconde na foto que mulher se esquiva da luz que mesa mais cheia destrói os vagares da fome ■■■■■ a quem reclamamos sucesso? a quem debitamos o progresso? a quem casa invadida praça tomada carro incendiado festa e comemoração alcoólicas ■■■■■ de quem x é uma invenção da falta - reconstrói o campo fertiliza a terra se encampa e sorteia o que sobrou ■■■■■ sai de um território x a outro preenche linhas espera pela palavra inventada dorme no quarto da menina morta insubmisso e feliz ■■■■■ também turista também digno da construção puto olho de consumo e mão na roda que gira ■■■■■ de quem? quem realmente responde? quem realmente se ergue? quem realmente escala o ombro do outro e afunda seu corpo violentamente sem remorso luta de classes guerra declarada festa na rua da igreja judas esfolado pelo pau da criança ■■■■■ quem se revolta com a mão no bolso cheio? e a quem se dirige o grito? panaceia e ventríloquos no palanque ■■■■■ casa de praia e os furtos na noite quadrilhas espalhadas de um lado a família no outro a gangue um farol vermelho no meio o primeiro chute a primeira barriga partida faca que se afia pássaro e música que se assobia sangue e o roxo saltado do olho ■■■■■ o pai segura a criança já perdida o garoto de revolta sem pai ou mãe só revolta pois se revolta quem não tem e o dinheiro cresce para alguns ■■■■■ a quem reclamamos o sucesso? a quem reclamamos o sucesso? cotovia minúscula na estrada a revolta e o caminhão pesado na sua faixa o dinheiro tem sempre destino e a revolta de quem se falta o desprezo de quem se empanturra troça guião glutão bruto devassidão de um lado o iate do outro um produto falsificado sendo vendido por um imigrante ilegal e a festa sempre acontece ■■■■■ uma dose de licor uma agulha usada uma pedra de gelo na colher sendo queimada gin e pedra e seringa e pó cabeça raspada na sarjeta bico certeiro nos bagos cavaca atirada uísque na bandeja novo rico novo violento novo desempregado ovo quebrado banquete e vastidão ■■■■■ luta de classes um broche um sorteio condecoração capitão morto faca enganada cuia índio e ditadura só viagem não família amizade luxúria praia deserta areia limpa pouco tempo até o deserto um golpe de vento um oceano um animal cheira o outro constrói sua armadilha espera a presa e captura num último ato orides fontela o cipó que

agarra a planta e fecha a boca no inseto o mato que sufoca árvore estrangulada caça pesca perseguição são a fome e o sexo que movem o mundo estava escrito no teto da floresta tropical sê tudo que te rodeia sê deitado na cama sê o tempo que te envolve sê música e o tédio sê a volta no domínio sê o teatro popular e a rainha representada pela demente sem dente sê sem armas sem boina coturno ou peiote sê declarado sexo assumido alameda de plátanos deformados belos mais belos que os ditos normais semente entortada tão linda tão lindo é o sorriso da criança tão lindo o cachorro que para tão lindo tão lindo ■■■■■ sempre haverá a festa sempre sempre haverá o coito sempre sempre haverá a guerra sempre seja dentro ou fora do mar o rosto que espera um descuido e a boca aberta que fecha tão rápido quanto a fome de um bebê tão lindo tão lindo tanto não que afaga tanto sorriso no caminho tanto tapa escondido tanta enganação nessa velha linda tão linda que furtou o neto que cuida fome tão linda quanto a insaciável fome do bebê rouba-te o lanche confisca tua terra tira-te o direito arranca-te a pele tão linda a idosa mãe do coronel reformado tão torturador tão lindo o cachorrinho dela tão torta a porta que não fecha tão largo o vão que se cai tão linda essa cor no escuro essa cor do céu olha o céu olha o rastro do avião olha o tombo olha olha a nuvem olha o palco que se gasta olha o acidente aéreo olha pai olha quem vem lá olha pai olha que desgraça olha pai olha o maremoto que se espera olha lá quem vem olha o vento olha pai olha a poeira que vai te cegando olha só que calma que escuro que vento que entrou olha pai que tormenta que parece aquela da históriinha de criança que tu não leste pros teus filhos olha pai que remorso olha pai olha que vazio

da cidade de oliveiras entre cordilheiras pirineus e sota-ventos e cabeças grilhões dorme com a mão no gatinho pressionando o cano contra a cabeça entupindo aorta a cada dia resíduo acumulado no fundo das cavas subaquáticas splint lascas do crime anunciado ■■■■■ ser um pescador em cubatão a história maldita do ódio em distopia os ignorantes ruidosos entre dois mares no limiar fino das pedras construídas quando caem milhares e o que atravessa o tempo do tombo o que já foi corpo retorna e percebe o quanto de vidas reuniu num só osso que sustenta ■■■■■ o osso pilar*.’”*Δ¬^’*ø central do peso da alma osso funil monumental osso obelisco ■■■■■ cai o pólen retorna o sim a garoa o mel E assim concluímos os encontros ligamentos cruzados articulações fúnebres transversos colaterais pancada nos tendões distensão da jornada a pausa percebida andando lentamente arrastado andando com as unhas que fico coxo manco perneta agulhão só assim pra alterar o tempo da distância a calmaria do olho a elegância de andar lento coveiro de conceitos abstração das palavras duas colcheias figura de ritmo novo que defino enquanto claudico estabilidade perversa chão molhado gólgota da observação virado lobo que pula no mar ao anoitecer do ânimo é hora badalar dos quarenta sinos enterrados

e tudo cai do teto o grosso cai o óleo sujo cai nesga de piche cai breu alcatrão grosso grosa cai cai a escada cai tropeça cai lá do vulto cai se entrega cai vai se escorre porre cai não vai desvai cai se entorta encolhe cai e mau não chora e vai não trai distrai não mal escolhe e cai não faz me atrai vou de zanga de ranzinza de muleta e bengala na cruzeta de fininho sapatinho me aproximo e tal delirium motor lento girando as hélices estilhaço de bala sobrevida como se não conseguisse sair da mesma página sempre a voltar ao parágrafo anterior à lida linha de cima à lida como a voltar ao dia passado à ruína preterida e quase como obrigado a voltar às maiores tristezas da infância ou dos propósitos de suicídio na adolescência os cortes na pele a tremedeira a virgindade gira lentamente a hélice entre os pratos na mesa do almoço a luz excessiva o s excessivo o z a luz é direta farol alto noturno da estrada o fio limite da morte ao se dirigir fino na mão dupla um toque pro lado acidente um desvio rápido eu morte te dizer eu fraco num milésimo o outro torço ao nada nesse ponto começo a perder a voz o ar que sai sem sistema a fala é outra um golfo um quilo um guizo um agudo retinir do cérebro inundado encadeio as siglas runas é o que tenho de rudimento essa não é uma língua pra conversas é uma língua que não vale muito serve pra desencontros e destinos e fúrias é uma língua sem respostas língua sentenciada de tiro avanços não aceita fiado não conforma recusa escusa lamentação eu como que me arrasto esse peso essa barata atada no meu pé que arrasto como rastejar um buraco um tombo algo que se atira como apalpar a folha no escuro e escrever sem ver como arrastar molhado a máscara de carnaval e bater cabeça e suprimir a fala e rasurar o dia é como acariciar o monstro pequeno monstro no encalço nobre difícil parente pequeno monstro te encontra te ouve te come digere alenta e te rouba a calma as crias a tenda arrasto o peixe corto o peixe despinho o peixe encontro o fundo agarro a lama desfaço ato queixume a morte encontro o outro lado firulo a ode findo isto ou aquilo que despinhou é curioso e clarividente que ressoem nos baixos do mármore correntes pulsões de uma antiga anomalia assombraria se quiséssemos do corpo irredutível a busca pela paternidade como fosse possível definir qual placenta explica a origem que cólica anuncia nossa chegada como fosse possível saber de qual segredo nossa concepção como se fosse possível embaralhar as cartas

como um molusco deixando seu rastro desenho no mar método de introdução à pedra uma análise pormenorizada dos aspectos visíveis e internos pessoais históricos A pedra não responde ao sol eu não conseguiria escrever sobre o dia em que a pedra caiu de seu lugar também não conseguiria escrever pedra quando de sua segunda queda a partida pedra enquanto irmã do herói quiçá sua face não conseguiria mais porque escuro como um costão que defasa entrar lentamente no mar e ao ir se molhando e afundando já perceber ou pensar ou respirar o oxigênio da água espremido entre hidrogênios e aguentar a pressão das fossas e o tremer dos corais quando do avolumar das ondulações uma febre dentro d'água como no tempo em que gritei por dois dias seguidos ter a respiração livre o alimento primordial e sem me banhar acumulava a dias uma massa ao meu corpo como cracas que se instalam como gordura externa couro de peixe espinha cacimba dura o peixe não é frágil mil milhões de anos n'água contituíram minha face meu tronco cartilaginoso meu não diante do mistério fui criado e me criei não sendo dono de minha espécie só restava nadar guelrear barbatanear sem direção e encostar à noite minha constituição num buraco de coral pra descansar um pouco a existência salmão barracuda pintado observatório de pássaros alumio as farpas a ponta do grafite o bico que caça pigmentação de tinta negra por toda história farsa não cultivada manco coxo perneta num outro sítio só dentro enunciava em voz alta os NOMES pra ver se anunciavam de alguma forma sua presença a presença do título apelido das coisas sua formação em vogal e consoante em sopro de AR em abstração e símbolo da carne se fez verbo da primeira palavra proferida rugido ou escárnio grito ou bufo satisfação e tédio - saberia relevância da mordida sem algures ser abocanhado? - saberia deitar-me calmamente? - saberia o significado do fogo sem a queimadura e a frieza do dente sem o corte teria realmente que enfiar o braço no corpo da cobra? a peçonha a vasculhar nu o interior da colmeia pra saber quão doce as ferroadas

escrevo com minhas qualidades e defeitos escrevo amassando as formigas dentro da folha maiúsculas minúsculas e distâncias que erro que piada que certeza

encontro a fêmea que já não sou mamífera que se aproxima e me voltei duas vezes seu corte é volúpia e passeio meus dedos pela borda não sem medo de que seja ferida realmente há amor no movimento nos achegamos devagar como tem sido a intimidade descoberta um pouco de violência no gesto seguinte os olhos não são pacíficos em momentos de entrega mas de certeza afundam mais como nosso lugar no oceano nesse instante aprende-se a beijar e a penetração acontece como um gancho a suspender a realidade tudo continua palpável num outro espaço o peso da carne a força do sopro a pele da voz num gemido afã e horizonte

m i n ú s c u l a h o r a

nesse ponto da praia não é comum o passeio de animais é um canto sujo entrada do porto morada do óleo e restos industriais portanto só aportam ali urgências desesperos ou sacrifícios era meu local de encontro e observação também da construção interna e reforma das células dali se via a cidade distante e o sentido ia lentamente sumindo junto com a luz o sol e a mudança das cores refletidas na paisagem tudo minúsculo movimento constante

a leitura sem pausa quieto não é necessário já não se respira como antigamente leitura de peixe espaço soprado leitura inundada tudo segue a correnteza única para hades não precisamos mais de música não teremos mais pulmão são 72h de noite

pendurar estraçalhar afogar estraçalhar estrangular a palavra já não existe não há porquê da significância não se lê não se poesia palavra não se põe som timbre ritmo na fala porque poesia não se pudesse ser ainda poesia quando que teria sido aceita tamanha mixaria NÃO trator e pedra sapeoi pasieo osipae carreto solto tiro jogo arremesso pra baixo ardimento

altura certa pra quebrar

distância que causa morte fundura propícia pro afogamento

epílogo [para quase não ler - muito otimismo]

tentamos a todo momento ocupar o espaço ou esvaziá-lo

abro assim todos os livros que reuni até hoje e não me desfaço

estruturo na construção do píer

qual dique

tijolo

adobe

adubo

risco o chão de areia

mais uma vez escrevo as referências bibliográficas muito próximas à água eu sei

da maré eu sei do destino eu não estou na milésima quadrigentésima terceira vez

nessa vida de bobeira por favor respeite meus sete milhões de anos

você sabe que escrevo isso com um sorriso no rosto

mas também uma dobra constante na testa

queria entregar esse texto escrito à mão para perceber que rabisco com pus

que costuro as folhas com fibras da minha pele mas seria taxado de amador

popularesco não erudito cavalo

e aí me descubro cavalo de terra babuíno destemido crustáceo encerado

o problema

melhor

a questão

é sempre a linguagem [mentira]

é a pseudointeligência do coração

é como usamos as palavras término errado certo passagem

escolhas rochosas sobre o caminho do outro

falar do outro sem querer julgar sua vida falar para aproximar falar para

compreender o máximo de amor e querer bem

- engano

[o alimento da nossa alma coletiva]

o meu empenho é tentar entender o que mudou o que não faz mais sentido não

descartar toda a tinta que me formou [ela está toda aí] mas respeitar a decisão

do caminho encontrar conjuntamente a cor aceitar o medo e a coragem de fazer o

que mais se aproxima da satisfação de pensar o que se vive

transfigurar as formas de onde viemos as plantas os pés as moscas os nós os

peixes macacos os números os astros

é tão difícil o conhecer tão intrincado determinar um lugar

é tão boa a vida ela é tão fruto das nossas escolhas

bafejo do bode neblina

fim

índice de imagens

págs. 20 e 21 - Meia Noite Baixa Mar I - pesquisa de embarcações submersas, montagem de estruturas metálicas, iluminação e fotografia durante a maré vazante. Gondomar, Porto/ Portugal. 2018/2019.

págs. 28 e 29 - USUCAPIÃO - performance em farol abandonado. Santos, São Paulo/ Brasil. 2015. fotografia: Lúcia Quintiliano.

págs. 36 e 37 - CALAFATE - um homem é um barco. Instalação realizada na Galeria da Funarte. Prêmio Funarte de Arte Contemporânea, 2014. São Paulo/Brasil.

págs. 54 e 55 - ADAMASTOR - Instalação com Duas partes de um barco caiçara de madeira (Praia do Perequê), cabos de aço, metal, sal marinho, ossos de baleia Jubarte (Praia Branca), mercúrio e técnicas de calafetagem. I e II Mostras do Programa de Exposições 2016, CCSP

págs. 58 e 59 - Cabo das Tormentas, Cabo da Boa Esperança - Imagem de satélite, SXD 17-2018

págs. 66, 67, 70 e 71 - Cena do vídeo Alvorada, 2016.Realização: Maurício Adinolfi; Edição Aidê Resende.

págs. 82,83, 85, 90 e 91 - Calado do Cais, Site specific realizado na praia do Gonzaga, Santos, São Paulo/ Brasil, 2016.

págs. 98 e 99 - Fotografia em estaleiro naval na praia do Perequê, Guarujá, São Paulo/ Brasil, 2017.

pág. 129 - Fotografia de ação realizada no farol da Ponta da Praia de Santos, São Paulo/Brasil, 2016.

pág. 139 - Barco que chora. Desenho bastão oleoso sobre papel. 2017.

pág. 142 - MARÉ. Barco antigo de madeira e fibra de vidro retirado do mangue, cabos marítimos, árvore Amendoeira e bomba d'água acionada de acordo com a maré. Instalação realizada durante residência artística no Instituto Sacatar, Itaparica, Bahia/Brasil, 2017.

págs. 154 e 155 - Fotografia de barco moliceiro no estaleiro do Mestre Felisberto. Pardilhó, Portugal, 2018.

págs. 162 e 163 - UTOPIA. Fotografia de performance realizada no cais de Aveiro, Portugal, 2014.

pág. 184 - Imagem sem identificação.

pág. 190 - CARONTE. Desenho de projeto para site specific. Nanquim sobre papel, 2018.

págs. 208 e 209 - Meia Noite Baixa Mar II - pesquisa de embarcações submersas, montagem de estruturas metalicas, iluminação e fotografia durante a maré vazante. Canidelo, Vila de Gaia/ Portugal. 2018/2019.

Referências Bibliográficas

AMADO, Jorge. *Mar Morto.* São Paulo: Companhia das Letras: 2012.

AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres.* São Paulo: Martins: 1967.

BALL, Philip. *H2O Uma Biografia da Água.* Lisboa: Rolo e Filho (Temas e Debates), 2002.

BERNHARD, Thomas. *O náufrago.* São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo.* Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional.* São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BOURRIAUD, Nicolas. *Formas de Vida.* São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRAGA, Paula (org.). *Fios Soltos: a arte de Hélio Oiticica.* São Paulo: Perspectiva, 2011.

BRANDÃO, Raul. *Os pescadores.* Lisboa: Editora Comunicação, 1986.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

DIAS, J. *Ensaios Etnológicos, Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar*, Centro de Estudos Políticos e Sociais, 1961.

DUCHAMP, Marcel. *Engenheiro do tempo perdido. Entrevistas com Pierre Cabane*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.

ELIOT, T.S. *Poesia.* Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ESPADA, Heloisa (org.). *Richard Serra, Escritos e entrevistas.* Rio de Janeiro: IMS, 2014.

FERREIRA, Glória e COTRIM, Cecilia (orgs.). *Escritos de artistas anos 60/70.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

HERBERTO, Helder. Poemas Completos. Lisboa: Tinta da China, 2016.

HEMINGWAY, Ernest. The old man and the sea. London: Arrow Books , 2004

HERZOG, Werner. *A Conquista do Inútil.* Lisboa: Edições Tinta-da-China, 2017.

HOUELLEBEQC, Michael. *Plataforma.* São Paulo: Record, 2002.

KLEE, Paul. *Escritos sobre arte.* Lisboa: Edições Cotovia, 2014.

KUNZLE, D. *World Upside Down: The Iconography of a European Broadsheet Type",* The Reversible World: Symbolic Inversion in Art and Society, Ithaca: Cornell University Press, 1978.

KRAUSS, Rosalin. *Caminhos da escultura Moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LANE, Carl D. *The Boatman's Manual*. New York: W.W. Norton & Company, 1979.

LAUTREAMÓNT, Conde de (Isidore Ducasse). Os Cantos de Maldoror. São Paulo: Vertente Editora, 1970.

LEGG, Alicia. *Sol lewitt.* New York, Museum of Modern Art, 1978.

LEWITT, Sol. *Sentences of conceptual art.* Art-Language May, 1969.

MILLER, Frederic P. *Gondola*. Alphascript Publishing, 2010.

MONTALE, Eugênio. *Ossos de sepia.* São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

NAVES, Rodrigo. *A Forma Difícil.* Ed. Ática, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OITICICA, Hélio. *Aspiro ao Grande Labirinto.* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

POUND, Ezra. *Os Cantos.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

POUND, Ezra. *ABC da Literatura.* Trad. de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix-CEC, 1970.

RANCIERE, Jacques. *Béla Tarr - o tempo do depois.* Lisboa, Orfeu Negro, 2013.

RANCIERE, Jacques. *O inconsciente estético*. São Paulo: Editora 34, 2009.

RIMBAUD, Arthur. *Iluminações,* São Paulo: eBooksBrasil, 2012.

ROSA, Antonio Ramos. *Relâmpagos de Nada.* Lisboa: Editora Labirinto, 2014.

RIVALS, C. *Peintures des Moliceiros d"Aveiro (Portugal): Culture et Arts Populaires*, Revue Ge□ographique des Pyre□ne□es et du Sud-Ouest, tome 5, 1988.

SARCCHIONI, D. LORENZETTI M. *Kounellis. Trieste.* Roma: Skira, 2013.

SARMENTO, C. *Cultura Popular Portuguesa: Praticas, Discursos e Representações*, Porto: Afrontamento, 2008.

SIMMEN, Jeannot e KOHLHOFF, Kolja. *Malevitch.* Lisboa: Konemann, 2001.

SPENCE, Brad Spence. *Painfully Ironic, Bas Jan Ader*. Irvine: The University of California, 1999.

TAYLOR, Brandon: *Contemporary Art*. New Jersey: Pearson, 2005.

UNGARETTI, Giuseppe. Daquela Estrela à outra. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

VILA-MATAS, Enrique. *Kassel não convida à lógica.* Lisboa: Teodolito, 2014.

Referências musicais

MENDES, Gilberto. *A Música de Gilberto Mendes,* São Paulo: Sesc, 2011.

Part, Arvo. *ALINA. (Alexander Malter e Dietmar Schwalke).* Munique: ECM Records, 1999.

Unesp - Universidade Estadual Paulista

Instituto de Artes

Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais

Linha de Pesquisa Processos e Procedimentos Artísticos

Pesquisa: Estruturas - Entre Madeira e Mar

Publicação: Homem Inundado

Doutorando: Maurício Pinto Adinolfi

Bolsista da Capes - Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior - processo 88881.190189/2018-01

Orientador: Professor Dr. José Paiani Spaniol

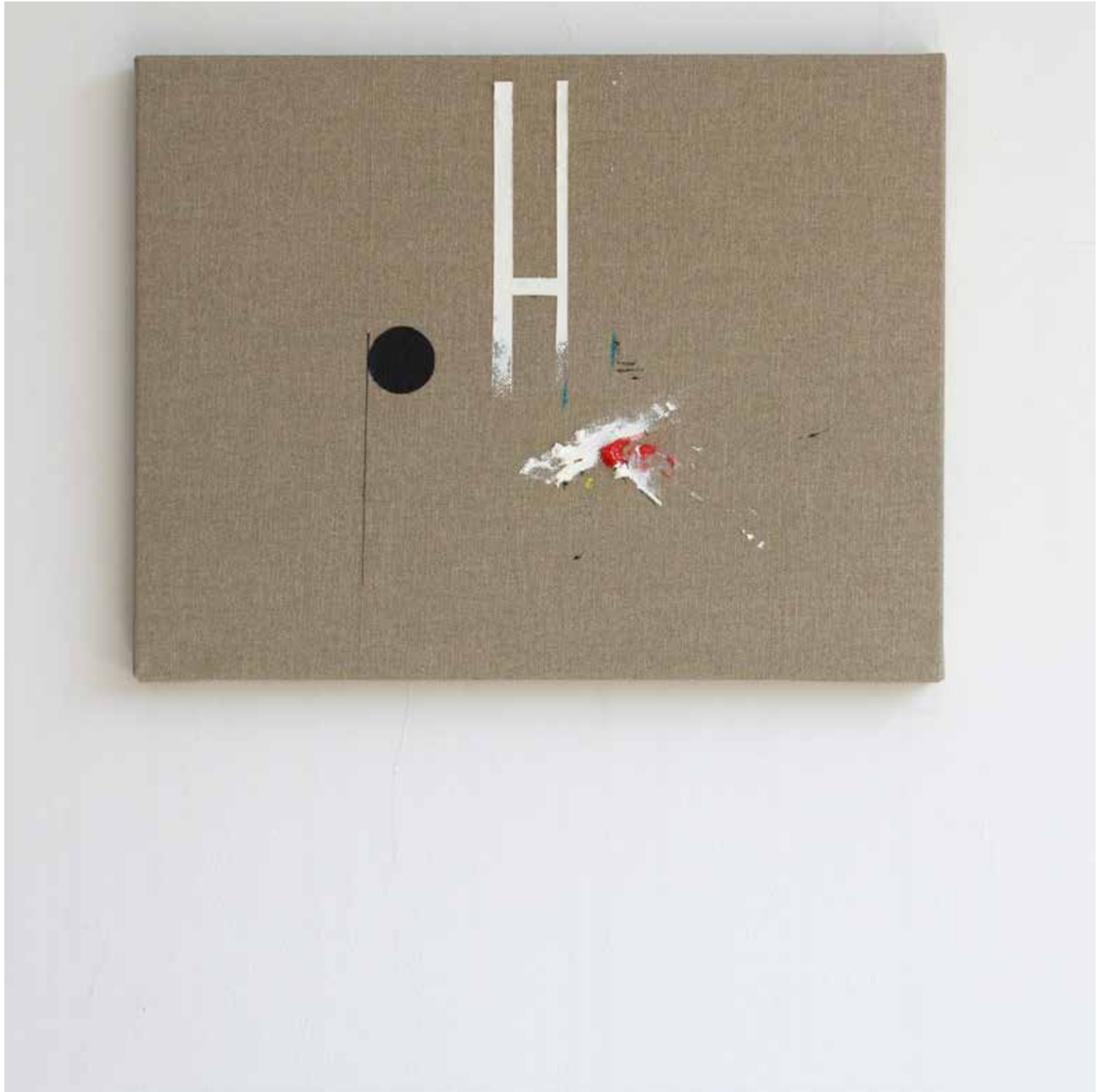
Coorientadora: Professora Dr. Maria de Fátima Lambert - Instituto Politécnico do Porto - Escola Superior de Educação

Diagramação: Jorge Araújo | Marcio Freitas

Revisão: Maira Fátima de Oliveira Nobre

HOMEM INUNDADO MAURÍCIO ADINOLFI

pinturas


H

óleo sobre linho e algodão cru - 2018/19
1 a 11 27 x 35 cm
12 25 x 30 cm
13 e 14 30 x 50 cm
15 e 16 30 x 26 cm
17 e 18 20 x 35 cm

óleo sobre algodão cru - 2019/20
19 a 21 27 x 35 cm

óleo sobre linho - 2019/20
22 27 x 35 cm

óleo sobre algodão cru - 2019/20
23 a 26 27 x 35 cm

óleo sobre madeira - 2019/20
27 a 29 26 x 26 cm
18 x 17 cm

óleo e ponta seca sobre alumínio - 2019/20
30 20 x 20 cm
31 22 x 23 cm
32 23 x 29 cm
33 30 x 34 cm

óleo sobre madeira - 2019/20
34 e 35 18 x 17 cm

Unesp - Universidade Estadual Paulista

Instituto de Artes

Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais

Linha de Pesquisa Processos e Procedimentos Artísticos

Pesquisa: Estruturas - Entre Madeira e Mar

Publicação: Pinturas

Doutorando: Maurício Pinto Adinolfi

Bolsista Capes - Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior - processo 88881.190189/2018-01

Orientador: Professor Dr. José Paiani Spaniol

Coorientadora: Professora Dr. Maria de Fátima Lambert - Instituto Politécnico do Porto - Escola Superior de Educação

Diagramação: Marcio Freitas

Exposição na Galeria de Arte “Alcino Moreira Filho” - Instituto de Artes - UNESP